

ILUSTRAÇÃO

N.º 312 — 13.º ano



JESUS, A VIRGEM E SANTA ANA

Quadro de Cesare Serto (Museu do Prado-Madrid)

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

A leitura dos romances de JULIO VERNE distrai, instrue e faz meditar, constituindo FORMIDÁVEL EXERCÍCIO DE INTELIGÊNCIA

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **Á roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo :
- 4 — 1.ª parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.
- 5 — 2.ª parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá :
- 9 — 1.ª parte — **América do Sul**. 1 vol.
- 10 — 2.ª parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
- 11 — 3.ª parte — **Oceano Pacífico**. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas :
- 12 — 1.ª parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.ª parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo :
- 14 — 1.ª parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
- 15 — 2.ª parte — **O abandonado**. 1 vol.
- 16 — 3.ª parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Videira :
- 17 — 1.ª parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
- 18 — 2.ª parte — **A invasão**. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho :
- 19 — 1.ª parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
- 20 — 2.ª parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As Índias negras**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha :
- 23 — 1.ª parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
- 24 — 2.ª parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O Doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis :
- 26 — 1.ª parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
- 27 — 2.ª parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancellor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribulações de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá :
- 31 — 1.ª parte — **A chama errante**. 1 vol.
- 32 — 2.ª parte — **A ressuscitada**. 1 vol.
- 33 — **A jangada**, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.ª parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
- 34 — 2.ª parte — **A justificação**. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas :
- 35 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 1.º vol.
- 36 — 1.ª parte — **A descoberta da terra**. 2.º vol.
- 37 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.º vol.
- 38 — 2.ª parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.º vol.
- 39 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.º vol.
- 40 — 3.ª parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.º vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro :
- 43 — 1.ª parte — **De Constantinopla a Scutari**.
- 44 — 2.ª parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrêla do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff :
- 47 — 1.ª parte — **O pombo correio**. 1 vol.
- 48 — 2.ª parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
- 49 — 3.ª parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça :
- 53 — 1.ª parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
- 54 — 2.ª parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa :
- 56 — 1.ª parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
- 57 — 2.ª parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção :
- 58 — 1.ª parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.ª parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Ca-cabel :
- 61 — 1.ª parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.ª parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto :
- 63 — 1.ª parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
- 64 — 2.ª parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça :
- 67 — 1.ª parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
- 68 — 2.ª parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Higinio de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos gélos, trad. de Napoleão Toscano :
- 70 — 1.ª parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
- 71 — 2.ª parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Videira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo :
- 73 — 1.ª parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
- 74 — 2.ª parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.º vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.º vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.a**, 1.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.a**, 2.ª parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Director: ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: Rua Anchieta, 51, 1.º — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, podeis acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
os **REUMATISMOS**
Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica
É o unico frasco bastará para vos convencer da rapidez da sua acção.

À venda em todas as Pharmácias
Produits BÉJEAN - Paris



A mais bela revista feminina que se publica tôdas as semanas

Leitura captivante e educadora - Aspecto interessante e atraente - Sumários variados e tentadores

Páginas magníficas sôbre: **Família e Arte de Viver — Beleza e Higiene — Modas — A Casa, O Lar, O Jardim — Alimentação — Movimentos, ginástica**

ROMANCES — NOVELAS — CARTAS

NUMEROSAS GRAVURAS A PRETO E A CÔRES

FIGURINOS E MODELOS das mais simples às mais luxuosas «toilettes», chapéus, penteados, etc.

O mais belo e apreciado repositório dos cuidados da mulher moderna

Cada número de 60 páginas, com uma artistica capa a côres, **Esc. 3\$00**

DISTRIBUIDORES PARA PORTUGAL

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 — LISBOA



ÀS MÃES PORTUGUESAS

Acaba de aparecer, refundida, ampliada, actualizada, a 4.^a edição de

O MEU MENINO

Como o hei-de gerar, criar e tratar se adoecer

pelo DR. SAMUEL MAIA

Edição primorosa, com muitas gravuras e uma linda capa a côres

1 vol. de 338 págs., broc., Esc. 15\$00; pelo correio à cobrança, Esc. 16\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES,
DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL

1 volume brochado 15\$00

Pelo correio à cobrança 16\$50

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O mais moderno dos Dicionários da língua portuguesa

ACABA DE APARECER

DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

PARA USO DAS ESCOLAS

Revisão ortográfica pelo DR. AGOSTINHO DE CAMPOS

1 vol. de 884 págs., magnificamente impresso
e muito bem encadernado em percalina verde
Esc. 15\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 17\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

Rua Garrett, 75 — LISBOA

O semanário mais completo de actualidades
mundiais publicado em Paris

MATCH

Profusamente ilustrado, magnificamente colaborado

Reportagens palpitantes dos principais assuntos da semana

A maior tiragem, em todo o mundo,
de todos os magazines de actualidades

48 páginas, formato 36 × 26 1/2, apenas Esc. 2\$60

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris

O infarto do miocardio

O síndrome de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO

Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 × 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00

Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de aparecer:

A VERDADEIRA HISTÓRIA
E VIDA DA

SEVERA

(Maria Severa Onofriana)

1820-1846

por **JULIO DE SOUSA E COSTA**

Apontamentos e notícias para a sua história — Casos interessantes em que intervieram personagens de destaque — A vida na Mouraria — A boémia dourada — A Severa, cantadeira e poetisa — Alma generosa, embora mulher perdida — O retrato da «Severa» — Doença e morte — Vala comum

1 vol. de 208 págs. com um retrato da Severa, Esc. 8\$00;
pelo correio, à cobrança, Esc. 8\$50

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NATAL! A festa enternecedora da família, o acontecimento mais ardentemente desejado pelas crianças. É que naquela noite vem o Menino Jesus, pelo cano da chaminé, deixar os mais lindos brinquedos nos sapatinhos que os seus pequenos devotos ali deixaram.

Há anos, tendo uma criança ido passar a última quinzena de Dezembro para casa de uns parentes em Paço de Arcos, teve grande aflicção por achar natural que o Menino Jesus se enganasse em face da brusca mudança de domicílio. E então escreveu-lhe uma carta dando-lhe conta da sua nova direcção, salientando que deveria entrar pela chaminé do meio. Como o prédio tinha três chaminés, não fôsse o Deus Menino enganar-se!...

Em face da fé das criancinhas, que sentem assim uma grande ventura, porque não hão de os adultos festejar este dia, perdoando agravos, abrindo os braços àqueles que uma rajada de ira afastou?

Seguindo o Evangelho de Jesus, assim devem proceder ou não serão dignos do credo cristão.

Se Jesus voltasse ao Mundo, tornaria a exortar os homens com o seu ensinamento

A FESTA DO NATAL

sublime: *Amai-vos uns aos outros!* Eis porque, através do nosso Portugal, nessas províncias mais remotas, onde ainda não chegou o bafo mefítico do cosmopolitismo, encontramos frequentemente a mesa da Consoada rodeada por todos os parentes da casa, ainda os que andaram todo o ano em desavença

com o chefe do lar. Se este uso encantador se vai desvanecendo, é porque a civilização soprada pelos grandes centros, lhes segreda por mil maneiras o ódio torvo que fez do homem um malvado secular, construtor, com a sua malvadez, de uma sociedade trinta vezes pior do que ele.

Perante o exemplo, dos países mais cristãos que preparam a guerra, e ameaçam desencadeá-la ao mais fútil pretexto, o que há de o homem fazer?

Desta maneira se compreende o ensinamento do Divino Mestre: «Aquele que não fôr como este menino, não entrará comigo no reino dos ceus».

Festeja-se o Natal...

Bom seria que todos o festejassem com igual fervor, e que todos sentissem dentro da alma o ensinamento do Evangelista: «Que todos sejam um!».

Mas não sucede assim. A hipocrisia subsiste cada vez mais arreigada no coração da Humanidade.

Festeja-se o Natal, é certo...

Uns festejam-no por uso, outros para não quebrarem a tradição... Só as criancinhas o festejam devidamente com a sua fé inocente, cândida e diamantina...



A VIRGEM E O MENINO, de Giovanni Bellini

ECOS DA QUINZENA



A convite da Câmara Municipal, visitaram Lisboa 181 crianças de Monsanto «a aldeia mais portuguesa». Algumas dessas crianças apresentaram-se trajando à maneira regional. Quando entraram no salão nobre da Câmara Municipal entoaram canções da sua aldeia com acompanhamento de adufes



O sr. Presidente da República e o Ministro da Educação Nacional inaugurando o Segundo Salão Internacional de Arte Fotográfica que constitui uma exposição de trabalhos de alto merecimento e beleza. — *A' direita*: O 1.º tenente médico, dr. Morais Sarmento com algumas das altas patentes da Armada que assistiram à conferência d'este ilustre oficial, no Estado Maior Naval

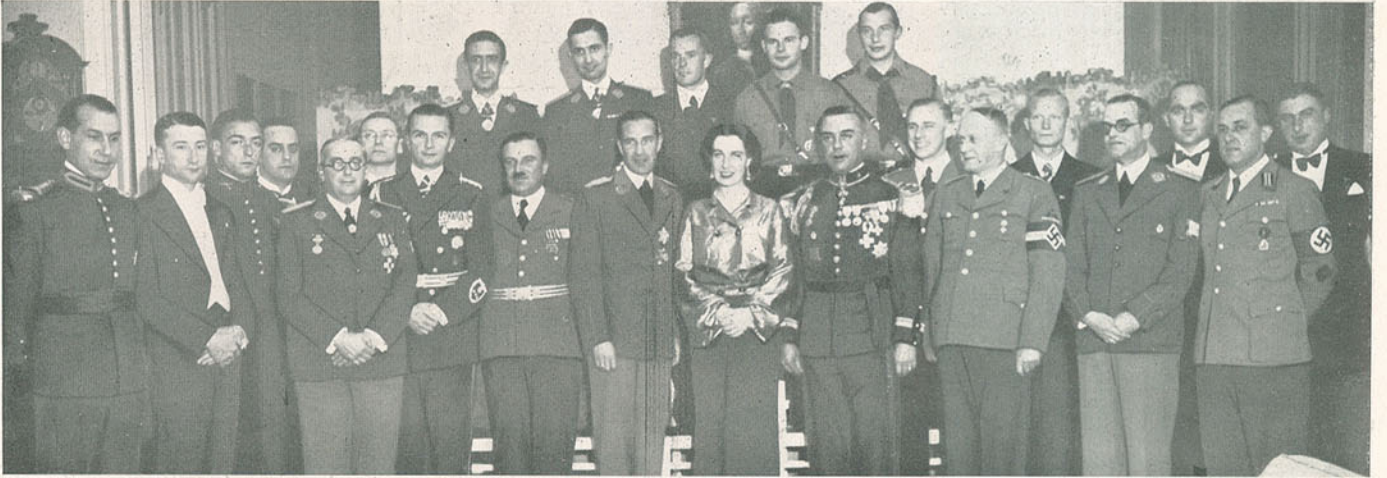


Assistência ao baile que a Associação Académica da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa realizou na Casa do Algarve em honra dos novos alunos daquele estabelecimento de ensino superior, tendo comparecido alguns professores. Esta festa revestiu grande brilhantismo

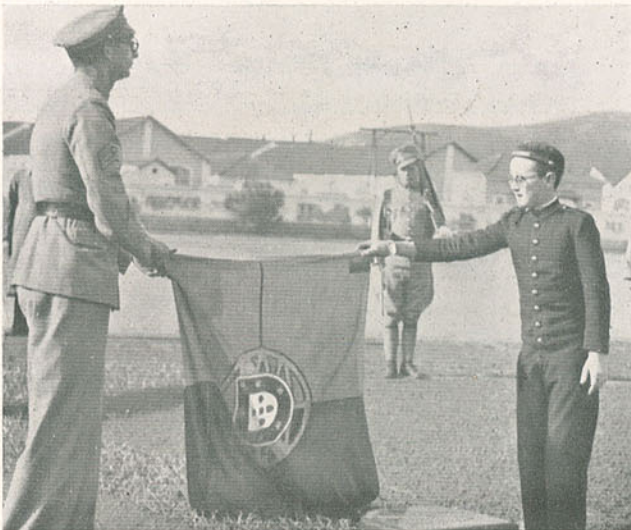
NOTÍCIAS DA QUINZENA



Os dirigentes da Juventude Alemã a bordo do «General San Martin», momentos antes do desembarque em Lisboa que vêm visitar, bem como os mais interessantes pontos de Portugal. — *A' direita:* Um automóvel caído no rio Sado em Setúbal, ao ser retirado da água



Assistência ao banquete de homenagem aos dirigentes da Juventude Alemã que vieram retribuir as visitas que à Alemanha têm feito os dirigentes da «Mocidade Portuguesa». O banquete realizou-se na legação da Alemanha e foi oferecido pelo representante diplomático daquele país em Lisboa e a sr.^a baronesa Hoyningen-Huene



No Depósito de Material Aeronáutico foi recordado o desastre que há dez anos vitimou os aviadores Santos Leite e Salgueiro Valente. Na gravura, vêm-se os filhos dos aviadores mortos descerrando as lápidas. — *A' direita:* O engenheiro Nobre Guedes, comissário nacional da «Mocidade Portuguesa», entregando as medalhas por ocasião do 1.º de Dezembro

COMEMORAÇÃO DO 1.º DE DEZEMBRO



Uma bandeira da «M. P.» junto do monumento dos Restauradores



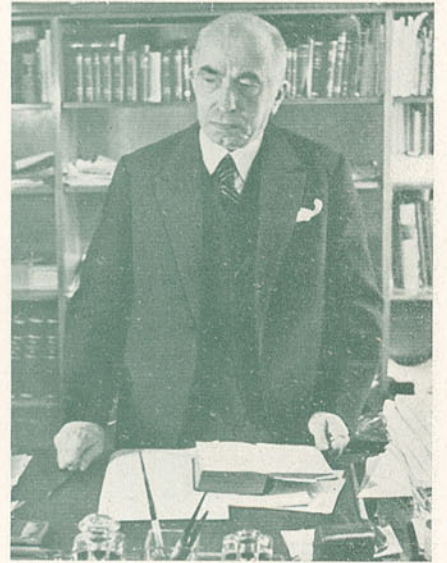
Em cima Um jovem filiado dirigindo a banda da «Mocidade Portuguesa». — Ao centro: O sr. Presidente da República, membros do Governo e outras entidades oficiais em frente do monumento dos Restauradores. — Em baixo: A saudação e depondo flores no monumento dos Restauradores



A TRAVÉS DO MUNDO



O Presidente da República Brasileira, Dr. Getúlio Vargas, por ocasião da inauguração da Distilária Central, aclamado pela multidão no Rio de Janeiro



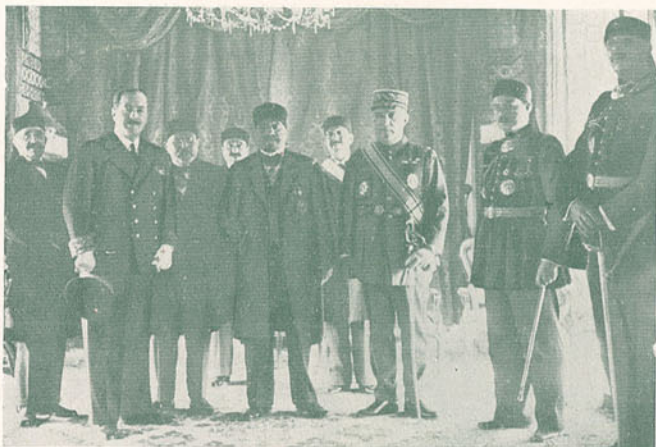
O sr. dr. Emil Hacha, actual Presidente da República da Checoslováquia



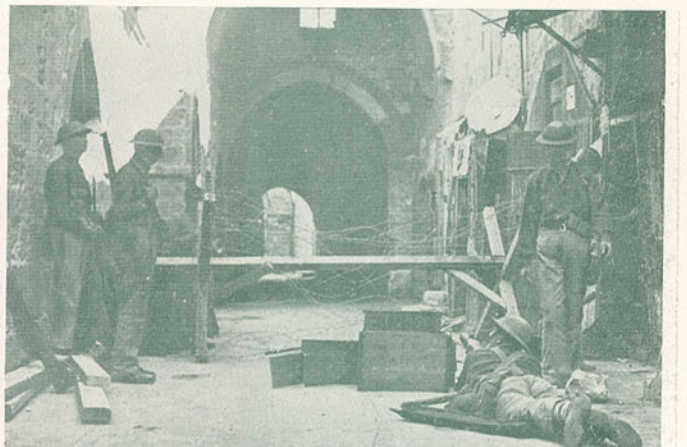
Construção de casas no Gebel Cirenaico que devem hospedar 20 mil colonos italianos que vão desembarcar na Líbia para empreender a grande obra de bonificação



Afim de ocupar os sem trabalho, o Governo checoslovaco decidiu empreender a construção de auto-estradas segundo o método alemão, que irão melhorar as comunicações



O general Blanc, comandante das tropas francesas na Tunísia, acaba de receber das mãos do Bey de Tunis o grande cordão de Nichan, de alto significado



Em Bab-el-Silsileh, uma barragem com metralhadora, à entrada do quartel general, vendo-se assim os graves acontecimentos que se desenrolam na Palestina



A «Cápsula do Futuro» descendo no seu jazigo, a quinze metros de profundidade

«DORME tranqüila, cápsula do Futuro!... Oxalá que ao despertar daqui a 5 mil anos o teu conteúdo seja proveitoso aos nossos distantes descendentes!...»

Estas palavras proferidas solenemente no dia 23 de Setembro de 1938, à hora do meio dia, no momento do equinócio do Outono, foram o sinal de envio de uma carta aos nossos ignotos descendentes do ano de 6938.

Como seria de calcular, não se trata de uma carta vulgar, mas de uma cápsula em forma de torpedo, de liga especial, que mede 2^m,28 de comprimento por 20^{cm},5 de diâmetro, e pesa 362^{kg},8. Esta curiosa comunicação ficou depositada no edifício Westinghouse da futura Exposição Mundial de Nova York, sendo remetente a referida companhia que assumiu a enorme responsabilidade de preservar para a posteridade as ideias, objectos e costumes da civilização actual. Foi enterrada a quinze metros de profundi-



O cilindro de cristal, cheio de nitrogénio e envolto de múltiplos vidros protectores de vidro é colocado na câmara exterior da «Cápsula do Futuro»

dade... Ali ficará até que os nossos descendentes daqui a 50 séculos a encontrem e se deliciem com a sua preciosa documentação. Se os nossos antepassados de há cinco mil anos tivessem a previsão de condensar e deixar para o futuro dados idênticos acerca da sua civilização e cultura, os arqueólogos de hoje não teriam o enorme trabalho de aturadas investigações científicas que redundam inúteis muitas vezes por falta de documentação, valendo-se quantas e quantas vezes de conjecturas para darem uma ideia do que seria a vida humana de aqueles tempos.

Nunca apareceu até hoje — que nos conste — uma comunicação segura, preventivamente conservada... e assim o tempo sempre inexorável foi destruindo as mais belas recordações dessas eras.

A cápsula que baixou agora ao seio da Terra, emquanto soava, festivo e simbólico, um sino enorme, precisamente no momento do equinócio do Outono de 1938, não será destruída pelos embates do tempo. Para a sua construção foi empregado o mais apropriado metal: o «cupaloy». De todos os utensílios empregados pelos nossos antepassados, os de pedra e os de cobre são os que se têm conservado melhor. Ora, o metal «cupaloy», além de uma grande quantidade de cobre, contém também cromo e prata. A sua resistência contra a corrosão é igual à do cobre puro, e, submetido a temperaturas de mais de 427 graus, pode ser temperado até alcançar a dureza do aço. Mais ainda: poderá resistir ao efeito da água do mar que possa infiltrar-se através do sub-solo de Nova York durante os próximos 5 mil anos, visto que os elementos de corrosão e a reacção electrolítica com os sais da terra, formarão um depósito no cobre em vez de corroe-lo.

Constituem a cápsula de «cupaloy» seis segmentos fundidos, perfeitamente aparafusados e reforçados com adequado recheio. As juntas foram batidas e brunidas de modo que a superfície exterior da cápsula se encontra perfeitamente pulida. Logo que o conteúdo da «carta à posteridade», foi colocado no seu lugar,

a última secção da cápsula foi montada em quente sobre roscas cónicas, formando assim uma união perfeitamente hermética. Na cripta interior do torpedo de cobre foi colocada a uma envoltura de vidro «pyrex» à prova de

UMA IDEIA AMERICANA

A «CÁPSULA DO FUTURO»

Significativa missiva aos nossos descendentes de 6938

calor, envolta em cimento impermeável. Foi-lhe extraído todo o ar e substituído por nitrogénio, afim de evitar que o conteúdo do enorme cilindro seja danificado pela humidade ou pelo bolor. Evidentemente que os nossos descendentes do ano de 6938, aos quais é le-



A «Cápsula» de 360 quilos contendo o esboço geral da nossa civilização e que deve ser aberta no ano de 6938

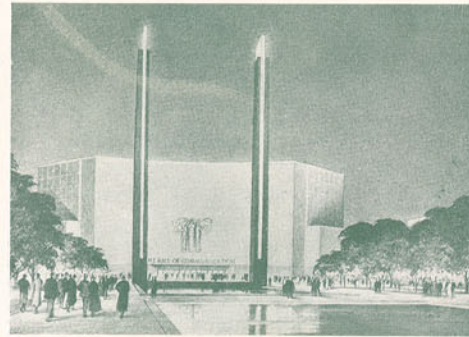
gado este pequeno museu de indestrutível involucro, terão a maior curiosidade em estudar o que os seus antepassados faziam e o que consideravam como notáveis manifestações de civilização e cultura. Talvez que nesse século tão distante se tenha obtido o fim primordial da tecnologia: uma ordem social mais perfeita e a eliminação da constante ameaça de guerra... E — quem sabe? — pode ser que nada tenha mudado, fundamentalmente, durante esses 5 mil anos...

Que objectos encontrarão os nossos descendentes, como amostras da civilização de 1938, no duríssimo casco de metal? O espaço disponível no involucro de «pyrex» era limitado. Por isso, não se pensou em objectos de grande tamanho. Foram postos de parte fluidos ou outros corpos que pudessem converter-se em líquidos ou vapores corrosivos.

Para determinar o conteúdo da «carta à posteridade», a Westinghouse consultou peritos de várias ciências, e auxiliada por arqueólogos famosos, decidiu o que deveria colocar-se na cápsula. Eis, pois, o que os nossos descendentes descobri-

rão daqui a 5 mil anos como legado deste inquieto ano de 1938:

Encontrarão uns trinta e cinco objectos de uso corrente, entre os quais, um



O Palácio das Comunicações

abridor de latas, um chapéu de senhora (Outono de 1938) e uma pequena máquina fotográfica.

Encontrarão sementes em tubos herméticos de vidro, na esperança de que germinarão daqui a 5 mil anos, como se diz que sucedeu aos grãos de trigo encontrados nas Pirâmides do Egipto. Os arqueólogos de 6938 encontrarão,

não só trigo, mas também milho, aveia, cevada, arroz, beterraba, luzerna, linho, algodão e tabaco — em sementes.

Encontrarão um sortido de quarenta materiais e textos em forma de recortes, amostras e arame. Cada artigo foi envolto separadamente no papel de maior duração cuidadosamente atado com cordel de linho e com a sua descrição escrita com tinta permanente sobre papel especial. Os objectos mais pesados foram colocados em baixo, e os mais leves em cima.

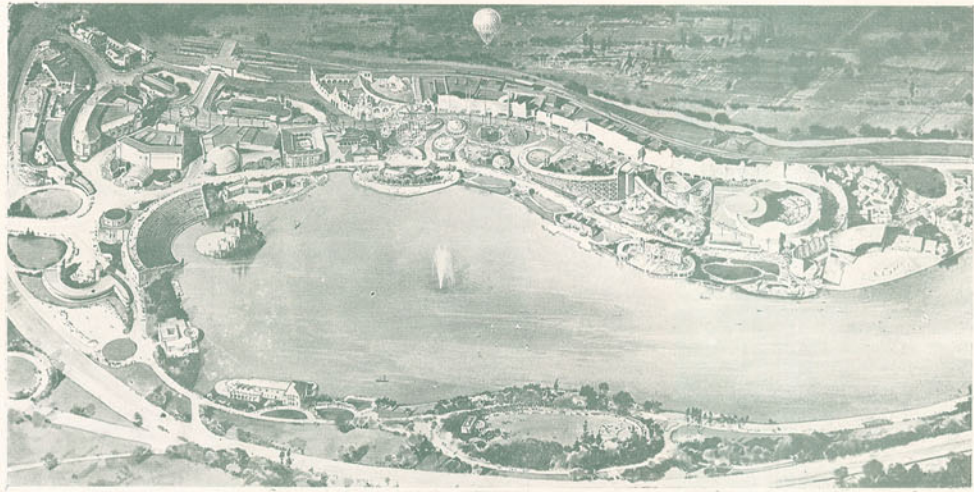
Mas a essência do conteúdo do grande torpedo, a alma da nossa civilização e cultura, constitui-

em três películas de cinema com noções actuais e quatro rolos de microfilme, que compreendem uma enciclopédia de 335 metros de comprimento mais de dez milhões de palavras e mil ilustrações — um micro-arquivo equivalente a mais de 100 grossos volumes, impressos em tipo minúsculo. O tipo pode ler-se facilmente com a ajuda de um pequeno microscópio incluído na cápsula, ou por meio

de máquinas de projecção que podem ser construídas, seguindo os diagramas e instruções que acompanham os rolos das películas.

O homem de ciência do século LXX, que se proponha ler todo este texto, necessitará de mais de um ano para o fazer,

Aspecto do Parque de diversões

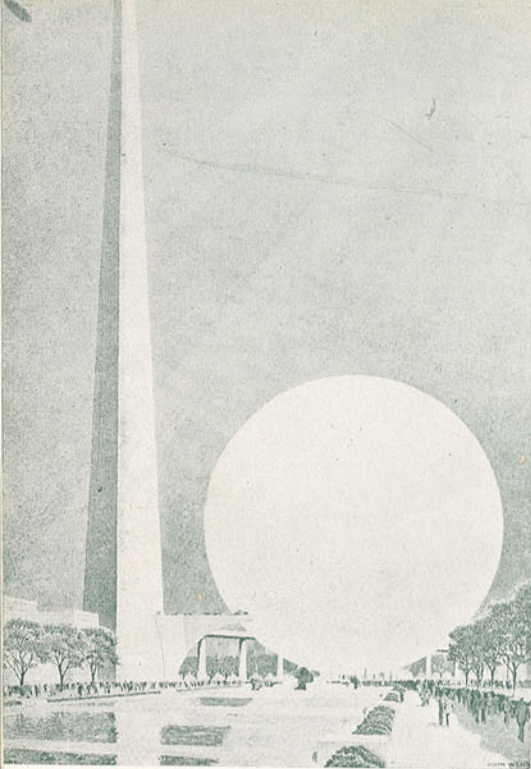


O chapéu de senhora que os nossos descendentes do século 70 acharão útil

e provavelmente de mais de dez anos para absorver esta acumulação de conhecimentos.

Mas como compreender e decifrar o idioma de uma raça perdida num tão remoto passado? Muito facilmente, porque esta biblioteca em miniatura, contida em pequenos receptáculos de alumínio, começa com as instruções para traduzir e pronunciar o inglês moderno, e continua com um dicionário corrente. Além disso, inclui uma reprodução da *Fábula do Sol e do Vento* em vinte idiomas, e uma do *Padre Nosso* em trezentos.

Depois vem uma representação completa da nossa vida diária, das belas artes e das ciências. Reproduziram-se livros



Entrada da Exposição

completos, assim como catálogos de importantes firmas comerciais, um exemplar do *World Almanac* e três novelas famosas. Diversas secções da Enciclopédia Britânica descrevem as artes e as ciências. O homem do futuro encontrará microfotografias de quadros célebres da nossa época, assim como cópias das mais conhecidas composições musicais do nosso tempo. Incluídos no "microfilme," figuram umas oitenta revistas populares e outros tantos jornais diários, e itinerários de caminhos de ferro e aviação de tôdas as partes do Mundo.

O resumo das ciências e indústrias ocupa mais de metade desta diminuta biblioteca, com descrições e dados amplos acêrca de tudo. Discutem-se em secções separadas a religião, a filosofia e a educação. Os nossos usos e costumes, os nossos lares, escritórios e fábricas são descritos pormenorizadamente, assim como o teatro, o cinema, a rádio, os desportos, os jogos e outros passatempos.

À excepção de um exemplar da Bíblia, só um livro autêntico foi incluído na cápsula — *O Livro de Dados da Cápsula do Futuro*, digna amostra do que de melhor existe em impressão e encadernação nos tempos actuais. Este livro contém os dados necessários para guiar os futuros historiadores ao sítio em que o torpedo de "cupaloy" esteve escondido durante 5 mil anos. Foram enviados exemplares do referido livro às mais importantes bibliotecas, a museus e selectos repositórios situados em tôdas as partes do Mundo, na esperança de que, pelo menos, se conserve um para informar os sábios de então acêrca do que contém a "cápsula do futuro", e como se poderá encontrar e escavar na devida altura. Inciuem-se instruções para encontrar a cápsula por meio dos mais aperfeiçoados métodos de exploração electro-magnética, métodos que permi-

tem descobrir água, petróleo ou depósitos minerais.

Necessitará tais instruções o homem de 6938? Não existirão conhecimentos científicos e técnicos mais avançados que os imperfeitos ao nosso alcance, quando chegar o dia de exumar esta cápsula museu-biblioteca? É provável que sim, mas nada se sabe com certeza. Homens célebres dos nossos dias enviaram mensagens à gente do ano de 6938, sendo êstes documentos incluídos na "cápsula". Um destes homens, na sua mensagem, pergunta à posteridade se o desenvolvimento científico do futuro sofrera ou não atraso. E nesta suspeita descobre-se ainda a possibilidade de que retrocedam a tecnologia e a civilização.

O homem de ciência que veja, daqui a 5 mil anos, uma das películas de notícias actuais, com a ajuda da antiquada máquina de projecção construída de acôrdo com as instruções dos seus "antepassados de 1938", deve sentir uma grande desilusão com a cultura e civilização do século xx, pois que nessa película verá, além das manifestações e discursos a favor da paz, descrições de modas e desportos, e também o simulacro de guerra e o bombardeamento de Cantão por aviadores japoneses — triste fotografia da nossa civilização.

Enquanto durar a Exposição Mundial de Nova York, a "Cápsula do Futuro" poderá vêr-se através de um periscópio, e estarão em exhibição os duplicados de todos os objectos que contém. Logo que se encerre a Exposição, o poço será atulhado, ficando a "Cápsula" aguardando o quási eterno período de cinqüenta séculos.

Não se pense que qualquer vândalo se lembrasse de desenterrar a cápsula para averiguar o que contém. Além de o saber, não lhe valeria a pena fazer tal coisa, visto que as despesas de escavação seriam muito maiores que o valor do metal encontrado, se o

Alguns dos numerosos objectos encerrados na «Cápsula do Futuro» e que causarão assombro aos nossos descendentes daqui a 5 mil anos



Estátua da Liberdade

vendesse. Nenhum ladrão se atreveria a utilizar a maquinaria precisa, ou a escavar a terra com grande dificuldade, visto que, no fim de tudo, obteria apenas 362,8 kg. de liga de cobre...

Portanto, a "Cápsula do Futuro" ali ficará no seu jazigo até ao século LXX ou para além ainda — quem sabe? — se o mundo se conservar. E será interessante — quem o pudesse ver! — a admiração dos nossos descendentes ante as modas usadas pelos Faraós do século xx!

Eis o que é a "Cápsula do Futuro"...

ANDRÉ LION.



NOTAS SÔBRE EÇA DE QUEIROZ

À VOLTA DAS SUAS CARTAS INÉDITAS
AO LIVREIRO ERNESTO CHARDRON

III

DEPOIS da publicação do *Primo Bazílio*, Eça escrevia a Teófilo Braga, em carta de 12 de Março de 1878:

“...Mas eu não ataco a família — ataco a família lisboeta, produto do namoro, reunião desagradável de egoísmos que se contradizem, e, mais tarde ou mais cedo, centro de bambochata. No *Primo Bazílio*, que apresenta, sôbre tudo, um pequeno quadro doméstico, extremamente familiar a quem conhece bem a burguezia de Lisboa — a senhora sentimental, mal educada, nem espiritual (porque Cristianismo já o não o tem; sanção moral da justiça, não sabe o que isso é) arrasada de romance, lírica, sobreexcitada no temperamento pela ociosidade e pelo mesmo fim do casamento peninsular, que é ordinariamente a luxúria, nervosa pela falta de exercício e disciplina moral, etc., etc. — enfim a *burguesinha da Baixa*: por outro lado o amante — um maroto, sem paixão nem a justificação da sua tirania, que o que pretende — é a vaidadezinha duma aventura e o amor *gratis*; do outro lado a criada, em revolta secreta contra a sua condição, ávida de desforra; por outro lado a sociedade que cerca estas personagens — o formalismo oficial (Acácio), a beatice parva de temperamento irritado (D. Felicidade), a literaturinha acéfala (Ernestinho), o descontentamento azedo e o tédio da profissão (Juliana), e às vezes, quando calha, um pobre bom rapaz (Sebastião).

Um grupo social, em Lisboa, compõe-se, com pequenas modificações, destes elementos dominantes. Uma sociedade, sôbre estas falsas bases, não está na verdade: atacá-las é um dever. E, neste ponto, o *Primo Bazílio*, não está inteiramente fora da arte revolucionária, creio. Amaro é um empecilho, mas os Acácios, os Ernestos, os Saavedras, os Basílios são formidáveis empecilhos; são uma bem bonita causa de anarquia no meio da transformação moderna: merecem partilhar com o *Padre Amaro* da bengalada do homem de bem.

É curioso: dir-se-ia que foi uma explanação semelhante a esta que reduziu a hostilidade de Ramalho, quanto ao segundo romance do fraternal amigo: o seu artigo n'As *Farpas*, pode dizer-se, em grande parte, uma explanação dessa explanação!

Para avaliar do desapontamento de Ramalho à primeira leitura, basta transcrever os seguintes períodos da carta que Eça lhe escreveu a 4 de Março de 1878: — “Que me diz do *Primo Bazílio*? Alberto diz-me que V. còrou. Còrou, inocente? E não còra então, regalando-se

do *Assomoir* e do *Curée* — e não còrou outròra, quando leu o *Rafael* do Lamartine, essa infame obscenidade... E não còra quando lê o *D. Branca* de Garrett, êsse livro de colégio? Ah você còra! Ora bem — já sei que quando lê um livro de medicina, tem de ter ao lado *cold-cream*, para refrescar o fulgor da face..

Suponha-se, pois, a cara do crítico d'As *Farpas*, quando Eça caracterizava *A Batalha do Caia*, na sua, por tantos títulos desconcertante, carta de 10 de Novembro:

“Cuida você que lhe hão-de faltar os episódios picantes, lúgubres, voluptuosos, *épatants*? *Pas si bête*... Ha-de ter de tudo — um *salmis d'horreurs*. O burguezês gosta da rica cêna de deboche? Ha-de tê-la: sòmente, desta vez, é a sua própria filha violada, em pleno quintal, pelo brutal catalão dos *dragões de Pavia* — a sua própria filha, a quem outròra Bulhão Pato murmurava: *Lembras-te ainda dessa noite, Elisa?*... “Eu li o esbôço ao Vaz, rapaz distinto, nosso *attachè* em Londres: estou a vê-lo, no meu sofá, com as mãos apertadas na cabeça, murmurando, com um ar de *azabumbado*: — Que escândalo! Que escândalo! Quando eu cheguei ao capítulo (li-o no plano-argumento) da fuga do rei e da

anarquia em Lisboa, o rapaz ergueu-se, pálido: — Oh amigo! Oh amigo! *Et il avait des larmes dans la voix*... Despediu-se de mim, dizendo com um tom lúgubre: Queime isso! Queime isso!”

E ainda:

“Pois não poderei eu dar à publicidade uma descrição de Lisboa em anarquia: as igrejas cheias de mulheres aflitas, as improvisações dos batalhões voluntários, os Bancos quebrando, a falta de trabalho, organizando insurreições diárias, o pânico nas secretarias, o burguezês da Baixa em presença da catástrofe? Não poderei publicar a descrição de Sexta-Feira da Paixão, em que se sabe em Lisboa que o *Morning Post* publicou o tratado entre as potências, pelo qual a Alemanha anexa a Holanda; a França, a a Bélgica; a Rússia, tòda a Roumélia; a Austria, a Bósnia; a Itália Fiume; e que a Inglaterra — isto é, Lord Beaconsfield, já no seu leito de morte — em presença da medonha demonstração de Londres, declara a guerra à Europa? É daqui que vem a conflagração europeia — a invasão..

Como viera ao romancista esta espantosa tese, já o indicámos: mas vale a pena completar a transcrição:

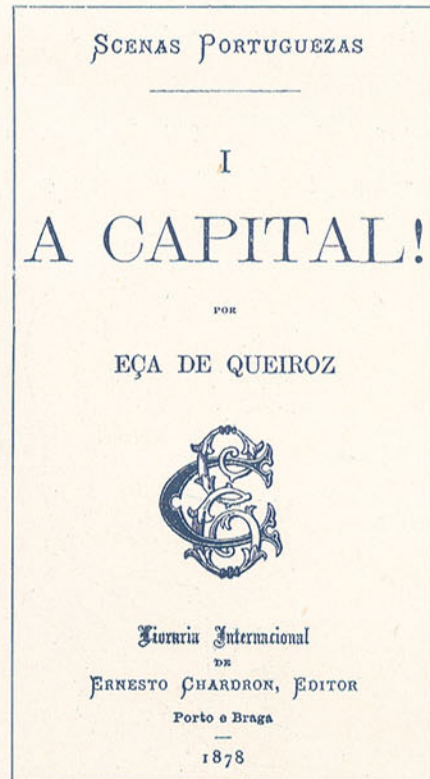
“Concebi o livro uma tarde em casa duma senhora, estando só com ela; ela tocava ao piano a *gavotta* favorita de Marie Antoinette — e eu, ao pé do lume, acariciava um cão. De repente, sem motivo, sem provocação, lembrou-me, ou antes flamejou-me, através da ideia, todo êsse livro tal qual o descrevo: singular não? Fiquei aterrado; supuz ser, ou um pressentimento ou uma visão. Depois a minha segunda exclamação mental foi esta: — *que escândalo no país!*”

Você conhece-me — e está daí a ver que me despedi da senhora, e vim para casa lançar o esbôço do *escândalo para o país*. É simplesmente o que eu quero fazer: é dar um grande choque eléctrico ao enorme porco adormecido (refiro-me à pátria). Você dirá: Qual choque! Oh ingénuo! o porco dorme: podes-lhe dar quantos choques quizeres com livros que o porco ha-de dormir. O destino mantém-no na sonolência, e murmura-lhe: — *dorme, dorme, meu porco!*

Perfeitamente; mas eu estou-lhe a dizer o que pretendo fazer — e não o que o que o país fará; naturalmente continuará a dormir: veremos..

Não nos interessam, por agora, outros aspectos secundários dessa carta; o que precisamos frisar é que a ideação d' *A Batalha do Caia* estava dentro da concepção da sua missão de romancista, revelada na carta a Teófilo Braga, datada de Newcastle a 4 de Março de 1878:

“A minha ambição seria pintar a So-



Frontispício da novela *A Capital!* que começou a imprimir-se em 1878



A elegância de Eça de Queiroz — por Stuart

cidade Portuguesa, tal qual a fez o Constitucionalismo desde 1830, e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam — eles a elas. É o meu fim nas *Cênas da Vida Portuguesa*. É necessário acutilar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso — e, com todo o respeito pelas instituições que são de origem eterna, destruir as falsas interpretações e falsas realizações, que lhe dá uma sociedade pódre. Não lhe parece você que um tal trabalho é justo? ... “Se já houve sociedade que reclamasse um artista vingador é esta! É sobre tudo, vista de longe no seu conjunto, e contemplada de um meio forte com êste aqui (sejam quais fôrem os seus grandes males, forte de certo) que contrista acha-la tão mesquinha, tão estúpida, tão convencionalmente parva, tão grotésca e tão pulha!”

Também, para a compreensão integral do plano de obra do romancista e do pensamento que presidia à sua elaboração, convém citar certa passagem da carta a Rodrigues de Freitas, a 30 de Março:

“O que queremos nós com o Realismo? Fazer o quadro do mundo moderno, nas feições em que êle é mau, por persistir em se educar segundo o passado: queremos fazer a fotografia, ia quasi a dizer a caricatura, do velho mundo burguês, sentimental, devoto, católico, explorador, aristocrático, etc., e, apontando-o ao escárneo, à gargalhada, ao desprezo do mundo moderno e democrático — preparar a sua ruína. Uma arte que tem êste fim — não é uma arte à Feuilleton ou à Sandeau. E' um auxiliar poderoso da ciência revolucionária.”

Resalta claramente que Eça de Queiroz, no momento em que acaba de triunfar com o *Primo Bazílio*, pretende continuar a sua obra dentro da intenção em que trabalha desde 1871; há para êle dois mundos — o da Reacção e o da

Revolução: e é necessário que êste destrua aquele. Sistemática, implacavelmente, quer contribuir para tal *desideratum*: a sua arte é uma insurreição.

Mas será possível avançar? Como se manterá livre o escritor, sendo consul, funcionário submetido a regulamentos?

Êste momento é duma estranha tortura psicológica para Eça: a noção das responsabilidades de artista, a premente condição de salariado do govêrno, as dificuldades de dinheiro, angustiam-no, desequilibram-no.

N'A *Batalha do Caia* ataca, de improviso, tôda a organização geral do Estado, tôdas as instituições — a Realza, o Parlamentarismo, a Burocracia, o Exército, ao mesmo tempo que a Sociedade donde emergem, dominada pela Burguesia.

Processo-síntese, que se resolve num terramoto, destruidor de tôda a Cidade Maldita — do Êrro, da Hipócrisia, da Cobardia, da Iniquidade!

Tal livro era impublicável: é proibido empregar a dinamite...

Mas se se tentasse desmoronar a Cidade Maldita — por infiltração, bairro a bairro, mesmo prédio a prédio?

E a primeira coisa que lhe lembra, naturalmente, é continuar o Conselheiro Acácio, ampliando-o até alcançar tôdas as repartições, todos os ministérios, todo o Terreiro do Paço...

E dir-se-ia que no seu intento vai entrar alguma coisa de desagravo pessoal, de desagravo da humilhação a que o obriga o seu lugar de Consul, por cuja servidão tivera de sacrificar *A Batalha do Caia*, o seu grande livro — êsse livro que imaginara como o fim dum Mundo!

Que ministro teria a fraqueza de reconhecer-se, agora, num ministro imbecil e miserável?

É um triste recurso, e vê-se a que constrangimento terá de submeter-se o génio de Eça, no prosseguimento da sua obra.

A 8 de Junho de 1879, Eça escreve a Chardron:

“Vou fazer-lhe uma surpresa: respon-



Eça de Queiroz — caricatura de Roberto Nobre

da-me, pela volta do correio, se pode, ou quer publicar *imediatamente* um livro meu de 200 a 250 páginas. Isto não impede que se continue com o *Amaro*, vivamente, e com *A Capital*, mais devagar. Mas o livro a que me refiro é para já: julgo que deve produzir uma certa sensação.”

Pareceu a Eça que Chardron aceitaria a nova obra de boamente, porque em carta, do dia 23, desenvolvia:

“Em presença da sua resposta, passo a dar-lhe algumas informações sobre o meu novo livro — para o seu esclarecimento próprio, e para poder fazer os anúncios e réclamos necessários; e peço que os faça generosamente, aí e no Brasil. O livro intitula-se:

O Conde de Abranhos/ Apontamentos biográficos e reminiscências íntimas/ por Z. Zagallo/ seu secretário particular.

Como vê, é uma biografia; a biografia dum indivíduo imaginário, escrita por um sujeito imaginário.

O Conde de Abranhos é um estadista, orador, ministro, presidente do Conselho, etc., etc., que, sob esta aparência grandiosa, é um patife, um pedante e um burro. O fim do livro, pois, é, além duma crítica dos nossos costumes políticos — a exposição das pequenezes, estupidezes, maroteirinhas e pequices que se ocultam sob um homem que um país inteiro proclama de grande. O Zagallo, secretário, é tão tolo como o Ministro, e o *piquant* do livro é que, querendo fazer a apologia do seu amo e protector, o idiota Zagallo apresenta-nos, na sua crua realidade, a nulidade do personagem. Mas, para se avaliar êste elemento cómico, é necessário ler a cousa.

Sendo uma biografia, o livro é, implicitamente, um romance, porque o Conde de Abranhos, como homem, tem paixões, casa, é enganado, bate-se em duelo, atravessa episódios grotescos ou dramáticos, etc., etc. De tal sorte que o livro é verdadeiramente um pequeno romance, apresentado, sob uma forma nova, que, creio, não tem precedente em literatura. Tal é o livro.”

Chardron, porém, deveria ter percebido, por estes esclarecimentos, que Eça voltava a agredir o Poder, como n'A *Batalha do Caia*. . . E, temendo novas complicações, dificultou — fez-se desentendido. Eça, em carta de 10 de Outubro, pareceu desistir:

“Não compreendo o que me diz. Falando do *Conde de Abranhos*, exprime surpresa de que *êle não apareça com o meu nome!* Um livro meu, sem o meu nome! Que quer V. Ex.^a dizer? . . . Pois eu creio que havia nele mais elementos de sucesso ruidoso do que em nenhum outro dos livros meus — ou alheios. Em todo o caso, *n'en parlons plus!*”

Mas desistia, a sério? Há razões para crer que não, porque em carta do mesmo dia, também datada, como as três últimas a Chardron, de Dinan (Côtes du Nord), participa a Ramalho Ortigão que fez “o rascunho de novo trabalho que talvez mereça a sua aprovação de artista e de moralista.” . . .

Porém a sua investida contra Abranhos — contra o Poder — só poderá realiza-la mais tarde, em 1888, diluindo-a no en-

trecho de *Os Maias*, sob a figura do Conde de Gouvarinho!

* * *

Mas força foi, por então, ceder: também *O Conde de Abranhos* era impubli-cável.

Esmorece todo o impeto de espontaneidade artística, de entusiasmo da produção, de ideação criadora: vai con-finar-se na revisão d'*O Crime do Padre Amaro*, para a 2.^a edição, e na revisão do manuscrito d'*A Capital*.

Lembram-se de que *A Capital* era, no plano de 1877, uma simples novela, e que principiando a obra a ser executada como novela se foi, pouco a pouco, em sucessivas redações e recópias, aumentando até ser um romance?

Façamos, a história desta infortunada obra:

Começara a imprimir-se, dentro do primeiro plano, em 1878, em Agosto, Mas já em meados de Outubro o autor dizia a Chardon: — "As fôlhas da *Capital* im-pressas, podem ficar por algum tempo armazenadas, esperando.."

Chardon não devia ter concordado, porque a 10 de Outubro Eça escreve-lhe: "Enquanto às provas da *Capital* é outro caso. Eu mesmo, ao rever as primeiras provas, direi se quero ou não segundas, e espero poder quasi sempre dispensar as segundas.."

A 23 de Dezembro reclamava as fôlhas impressas, para continuar a revisão dos novos graneis que lhe iam che-gando...

Mas *A Capital* não progride... Da carta de 10 de Agosto de 1879 con-clui-se que cessara de imprimir-se: — "Logo que acabe o *Amaro*, começarei com *A Capital*. Não creio que isso me leve mais de quinze dias .."

Chardon enfurece, e, em carta de 20 de Outubro, o romancista explica, pon-ti-lhoso:

"O nosso último acôrdo, proposto em carta de V. Ex.^a, era que se publicasse o *Amaro* em fins de Outubro ou comêços de Novembro, e *A Capital* em prin-cípios do ano. É a este acôrdo que eu me cinjo, e, para o cumprir, trabalho noite e dia!... Da *Capital* nem falemos; ven-di-lhe um livro de 200 páginas por 20 libras, e estou a fazer um volume de 600! — Pode V. Ex.^a, se quiser, publicar *A Capital*. Eu não tenho poder para lh'o impedir. São apenas três capítulos que não significam nada, e que, publicados, pareceriam uma mistificação, pois a acção do Romance não aparece nêles e apenas se apresentam os personagens. Se o fizer, declaro pela imprensa que é apenas o começo dum romance que tem mais de 600 páginas, e que o público deve, portanto, esperar que o romance seja publicado inteiro..."

É volta a calmaria das boas relações com o editor. Como se estabelecera?

Fez-se nova combinação, e nela en-trou a inutilização das folhas já impressas d'*A Capital*. É o que se conclui da carta de 15 de Novembro:

"Vão provas, e amanhã original. Que-rendo Deus, espero ter por estas sema-

nas o *Amaro* pronto. Faltam apenas duas folhas. Em seguida, atiro-me à *Capital* com toda a força. Peço, pois, mande pela volta do correio as folhas d'*A Capital* que aí tem de impressão inutilizada, para eu fazer algumas emendas. Diga-me tam-bém em que formato a vai imprimir..."

Chegado a este ponto, José Maria de Eça de Queiroz, Filho, que tão dedicada e carinhosamente deletreou tantos ma-nuscritos do grande escritor, observa na *Introdução às Obras Póstumas*:

"O livro entrara no prelo definiti-vamente, e tinha já, de facto, cêrca de 80 páginas impressas. Porém, meu Pai, descontente com a obra, resolvera re-fundi-la, inutilizando assim umas sema-nas de trabalho e umas resmas de papel. Mas, como disse, faltam-me informações exactas, e deduzo isto apenas da cir-cunstância de existirem na minha mão 80 páginas de impressão definitiva, com-pletamente inutilizadas, refundidas, acres-centadas: longas tiras de papel coladas metodicamente às páginas impressas, cobertas duma letra miuda, cerrada, a lápis, mas muito clara, transformam essas 80 páginas em cêrca de 200!.."

Vê-se porém, pela carta de Dezembro de 1879, que não foram ainda estas pro-vas corrigidas a lápis as que enviou a Chardon:

"Remeti provas da *Capital*, e peço to-das as suas habilidades de reclame para este romance. Merece bem, creio, que se faça alguma coisa por êle. Mais bem es-crito, até aqui, que *O Primo Bazílio*, contendo, no meio, o que o público talvez chame um escândalo político, e, no fim, o que pode parecer um escândalo de moral — é natural que excite a curio-sidade. Esperemos que assim seja. Eu, naturalmente, não tive intenção de o fazer escandaloso. O público é que, na sua teima de vêr em tudo escândalo, o pode considerar tal.

"Que a revisão seja bem feita, é o que recomendo..."

É legítimo suspeitar que Chardon não mandou compôr nem uma linha, à espera de que Eça lhe enviasse todo o original da obra. Estava *escaldado*; não confiava mais nas bonitas promessas do escritor, quanto a uma obra ha dois anos na forja...

Dizia-lhe Eça, em carta de 7 de Fe-vereiro de 1880: "...Emquanto à *Capit-al*, não me zanga a sua impaciência, porque a minha é a ainda maior: mas V. Ex.^a não me compreendeu. Não houve *fausse alerte*. Como lhe disse, a segunda parte está pronta, e não a mando, porque estou a *copiá-la*.

Comprenez-vous maintenant? Deste modo evito as segundas provas. Imagina que estou a copiá-la por meu prazer e divertimento? Não! É para apressar o trabalho. Mas, se ainda não acreditar na minha *ardente vontade* de pôr o livro na rua em dois meses — então vou daqui por deante mandar-lhe o original, como êle sai, crivado de emendas — e na tipografia que se avenham. Creia que faço tudo o que é possível para dar *A Capital* para meados de Abril, ou antes, querendo Deus..."

A 2.^a edição, em livro, d'*O Crime do Padre Amaro* safu em Fevereiro de 1880



Eça de Queiroz — caricatura de Stuart

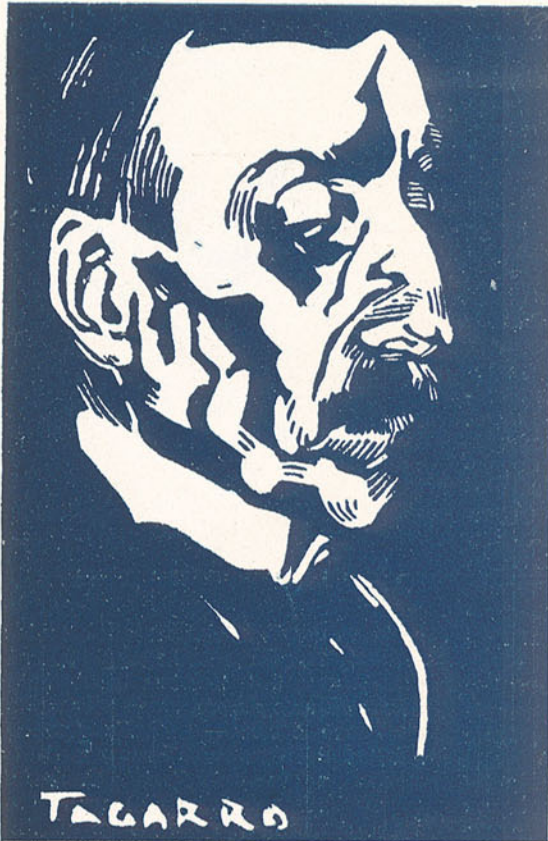
— "nova edição inteiramente refundida e recomposta". Tinha na 1.^a edição 362 pá-ginas; nesta 674. Recebeu o sub-título: *Cênas da vida devota*, como a 2.^a edição do *Primo Bazílio* — o de *Episódio do-méstico*. Pelas reduzidas tiragens da 1.^a edição em livro e da *Revista Ocidental*, onde primitivamente saíra à luz, podia dizer-se desconhecido do grande público. Era, de facto, diferente na acção e na forma. Só para o Brasil, Chardon man-dou 3.000 exemplares. Teve o mais vivo sucesso.

Eça, portanto, não poderia deixar de escrupulizar em atirar à publicidade *A Capital*, levemente... E *A Capital* não estava á altura desses dois romances, por mais que êle quizesse iludir-se. Tor-turava-se, em vão; a obra arrefecera, empastára, era como uma estátua em que o barro se esborroasse sempre: como passá-la ao mármore?

E, todavia, tinha-lhe amor... Ela tra-tava, sob figurações e desfigurações sem-pre renovadas, da vida boémia de Lisboa, por êsse tempo em que, voltando de Coimbra, tentava os primeiros passos, e a descuidosa mocidade se esbatia em alvo-radas de esperanças altas nesse estranho *Cenáculo*, onde Antero fôra iniciador e guia. Talvez mesmo o primeiro esboço d'*A Capital* tivesse sido traçado antes d'*O Crime do Padre Amaro*. Talvez as primeiras notas realistas fôssem tomadas *d'après nature* no decurso desses anos de primeiro contacto com o mundo lite-rário e jornalístico.

O romance, como veio a ser publicado em 1925, guarda uma forma de impres-são viva, rude, por vezes batalhante, que deve proceder da primeira concepção e da primeira execução, que não condiz com a dos outros seus trabalhos, nem com os anteriores a 1878, nem com os de depois: ela resistiria a todas as trans-formações e condicionamento artístico, como uma voz de sinceridade que as con-veniências nunca conseguem apagar de vez.

Mas são meras hipóteses que estou formulando...



Eça de Queiroz — máscara por Tagarro

O que pode dar-se como certo é que, de cada vez que vinha a Portugal, o meio lhe ia fornecendo novos elementos, novos clichés, novos tipos, para a galeria d'A Capital; cada vez mais rico, mas — ai dêle! — cada vez mais confuso o campo de observação em que as figuras lhe apareciam, desequilibradamente, a desigual distância e a luz diversa.

E o que ha de suceder? A 28 de Março de 1880 o *Diário de Portugal*, de Lisboa, anuncia que vai publicar um novo romance de Eça de Queiroz — "cujo título e assunto constituem uma verdadeira surpresa, que não revelaremos por enquanto, o que aumentará extraordinariamente o interesse da sua leitura.". Em Abril continua o réclame, sempre envolto o romance no mesmo mistério. Em Maio — *idem*... até que no dia 27 se declara, emfim, que se intitulará — *Os Maias*.

Está então Eça em Portugal. No número de 20 de Maio do *António Maria* ha toda uma página, consagrada por Bordalo Pinheiro a um jantar oferecido a Eça de Queiroz na Outra Banda — *Os argonautas do Montijo* — e ainda outra página, toda ocupada pela história ilustrada duma multa em que Bordalo e Eça incorreram, por ter ceiado, fóra das horas regulamentares, no *Restaurante Central*.

O romancista é verdadeiramente festejado, e sobretudo pelos velhos amigos e por uma nova roda de moços plúmbeos que se apelidam de *realistas*; e não só em Lisboa, mas em Coimbra, onde assiste à celebração do Centenário de Camões.

E parte para a sua solidão de Bristol, cheio de saudades...

No dia 1 de Julho o *Diário de Portugal* anuncia que vai publicar *O Mandarin*: — "É um conto chinês, um formoso capricho fantástico cheio de originalidade que Eça de Queiroz escreveu em Angers, nos poucos dias que ali se demorou na sua viagem para Bristol. Eça de Queiroz ha via-nos prometido que enviaria à nossa redacção *Os Maias*, até ao meado de Junho. Faltou-nos, porque se demorou um pouco mais do que esperava na viagem."

O Mandarin foi, a seguir, de facto, inserto nas colunas do feliz *Diário*, que já a 17 de Julho prevenia que ia publicá-lo muito em breve, num pequeno volume, "ilustrado pelo prodigioso lápis de Rafael Bordalo Pinheiro". Ora quem publicou o pequeno volume, aliás sem ilustrações, mas em edição de luxo, foi Ernesto Chardron. Composto e posto à venda logo no mesmo mês de Julho!

Eis uma boa consolação para o negociante...

Bordalo dedicou uma nova página ao *Mandarin* e deu entrada no *Album das Glórias* ao seu autor.

E *Os Maias*? E *A Capital*?

Eça diz, em carta de 11 de Agosto: — "Logo que termine *Os Maias*, que estão por dias, estou livre para me entregar todo à conclusão da *Capital*, que irá de pressa, querendo Deus..."

Deus não queria!

A 16 de Janeiro de 1881 o romancista confessava: — "Tem razão, mil vezes razão, a propósito d'A *Capital*! Mas que quer? Metteme nesta empreza dos *Maias*, que deviam ser apenas uma novela e se tornaram um verdadeiro romance! E tenho posto todo o meu tempo a trabalhar nêle... Não creia que não tenha trabalhado também nela (n'A *Capital*) aqui e além, mas trabalho casual que pouco adeanta. *Os Maias* absorveram-me."

Passaram-se mais de dois anos. E Chardron ainda não desistira d'A *Capital*: reclama-a sempre. E, assim, a 16 de Março de 1883, o escritor ainda não o desilude, talvez por continuar êle próprio iludido: — "V. Ex.^a tem razão em tudo o que diz a respeito do seu direito de editar *A Capital*. Esse direito adquiriu-o de facto, tendo começado a impressão duma espécie de novela, que tinha êsse título e que originou o romance... Comtudo, é intenção minha que, querendo Deus, seja ainda V.

Ex.^a que edite *A Capital*. Tudo está em nos entendermos..."

Deus não quiz!

E a 12 de Julho de 1883, Eça de Queiroz vendia a Chardron *Os Maias*.

E parece que se não tornou a falar d'A *Capital*...

Tinham-se entendido?

Talvez; mas não se sabe como, porque no Arquivo da Casa Lelo não há mais cartas a Chardron.

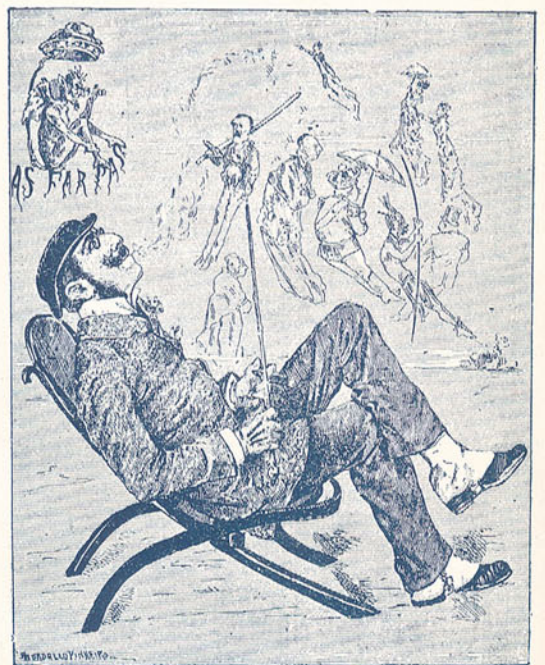
A *Ilustração* insere, em fac simile, o frontespício da obra, tão querida e tão malfadada, do grande romancista. É, como se vê, da edição tentada em 1878, (formato de 10,5 x 17). Compare-se êsse frontespício da novela — *A Capital*! com o da edição do romance *A Capital* — de 1925. Não é curioso? Das 80 páginas, que fôram impressas, desse primeiro volume das *Cênas Portuguezas* (assim viera, por fim, a denominar-se a série) possuo a primeira folha, de 16 páginas, que me foi oferecida em 1903 pelo sr. Doutor Bernardino Machado.

Dera-lha Eça de Queiroz, um dia em que se encontraram no combóio. Para que não deixasse de a lêr, Eça abriu-a, por não terem canivete ou lápis, com a ponteira da sua bengalinha — rindo!

* * *

A publicação das *Cartas* de Eça a Ramalho Ortigão, no *Dom Casmurro*, do Rio de Janeiro, foi um sucesso, que não passou, todavia, sem um certo escândalo, causado por uma dessas cartas: o romancista pretendia que o ministro dos Estrangeiros, Andrade Corvo, de algum modo o indemnizasse, no caso de desaprovarem a publicação d'A *Batalha do Caia*. Sai fora do plano dêstes artigos o tratar dêsse assunto. É possível, que o tratemos, se nos fôrem prestados os esclarecimentos que, para tal fim, vamos sollicitar.

LOPES D'OLIVEIRA.



Ramalho Ortigão, caricaturado pelo seu amigo Rafael Bordalo Pinheiro

“... OUVIR ESTRÉLAS ...”

OLGA TCHEKOVA

— **V**ENHA devagarinho, sem barulho, porque eu julgo que se está a filmar — disse-nos Olga Tchekova, — deve saber que Zerlett não gosta que o perturbem enquanto trabalha...

E, tímida como uma figurante, apesar do seu olhar garoto, a estréla da Tobis mostra-nos o caminho que está semeado de cabos e de móveis, de tôdas as espécies de objectos. A artista tivera a amabilidade de nos introduzir nos bastidores do novo filme, do qual ela é protagonista.

Tinha razão nas suas precauções, pois, com efeito, Hans H. Zerlett, que é um dos chefes da produção da Tobis, não gosta nada dos curiosos. Infelizmente tem a ideia falsa de que os jornalistas possuem vagamente êste mau defeito.

Tchekova pede em russo à sua criada de quarto para lhe trazer uma chávena de chá. Enquanto espera, vai ela maquilhando-se para a cena que dali a pouco irá interpretar. No entretanto aproveitamos também o nosso tempo para tomarmos conhecimento do meio que nos cerca. Achamo-nos num luxuoso local, composto de várias salas pegadas, tôdas mobiladas ricamente e com tapetes caros. Três ou quatro salões, estilos Luiz XV, Luiz XVI e Império. Aos cantos, bustos de bronze, uma ou duas imagens de santos como aquelas que se encontram nos santuários dos pensionatos religiosos. Muitos relójos de parede antigos, uma armadura, lampadários... Por todos os lados, vitrinas contendo os mais variados *bibelots*; nas paredes, quadros e aquarelas de tôdas as espécies, e mesmo miniaturas e alguns assinados por Renoir. Tudo isto me faz lembrar enormemente o salão duma tia nonagenária que tínhamos em Lisboa, que vivia no bairro da Graça, numa casa que visitávamos aos domingos, para aproveitar lá um jantar enquanto durou o estudo na Faculdade.

Possuía essa velha tia uma multidão de pequeninas coisas, quadros de Rafael e Rembrandt (pelo menos, ela é que o dizia) e muitas pequenas estatuetas compradas em Fátima. Aquilo era um verdadeiro *bric-à-brac*. Todos os domingos à tarde, com o fim de obter umas duas moedas de dez escudos, tínhamos que a ouvir, cheio de paciência, enquanto ela contava e repisava a história de todos êstes objectos e o seu valor histórico. E que quantidade de poeira que êles continham! Havia séculos que estavam neste salão — e desgraçada da criada que lhes tocasse!

Mas agora nos lembra que Zerlett estava a fazer um filme e que êste nada tinha que ver com o salão da nossa tia, (se ela nos ouvisse, se lesse estas linhas com certeza que nos deserdava).

Mas a culpa de tudo isto foi o cenário que nos cercava. Fazia-nos lembrar — lá vai mais uma comparação — aqueles grandes armazens da Rua dos Fanquei-

ros em que se vende tudo, desde o quadrinho bíblico até aos livros de ortografia pré-histórica, com a condição de serem antigos.

Olga Tchekova explica-nos que se tratava na verdade dum armazém de antiguidades, não dos da Rua dos Fanqueiros, mas sim da Rua de Saint-Pères, em Paris.

— Eu ia ali muitas vezes — disse-nos ela com os olhos semi-cerrados, esta sedutora e vaporosa mulher — mas não julgue que era por amor às coisas antigas como pensava o proprietário do armazém, mas sim para encontrar um mancebo pelo qual tenho um certo fraco: Paul Klinger. Mas peço-lhe um obséquio... não me pergunte mais nada sobre o cenário, porque podia ser indiscreta, e eu não gosto de ver Zerlett zangado...

— O quê!? êle é assim tão severo?

— Nada disso, é até o mais amável dos realizadores... V. até devia ver como êle é gentil para com os debutantes!

Ficamos pois a saber que o realizador das “Aventuras amorosas” possui a mesma qualidade que a sua vedeta, pois Olga Tchekova apesar do seu sucesso e a sua celebridade ficou sempre a boa colega para os pequenos, e nunca perde ocasião de ajudar, seja quem fôr, nesta difícil e caprichosa carreira que é o cinema.

— Zerlett com o qual já representei no filme “Duas mulheres”, que em breve deve ir para o estrangeiro, — explica-nos Olga Tchekova, — contratou-me para esta interessantíssima comédia, bem com Erika von Thellmann que nós todos chamamos a “Queen” porque ela representa aqui no teatro o papel da Rainha Vitória. Além desta artista foram também contratados Paul Klinger, Olga Limburg, Georg Alexander, que representa no teatro o papel de “Rei”, Eva Tinschmann e o compositor de “Truxa”, Leo Leux que vai escrever tôdas as canções novas para êste filme.

No entretanto, a câmara foi assestada sobre a vedeta de modo a tomar um grande plano dela.

Principia-se por medir exactamente as distâncias que separam a objectiva do rosto da Tchekova e depois segue-se um



Olga Tchekova

bombardeamento de luzes de cem projectores, comandados por Zerlett, sobre o rosto desta encantadora mulher. É curioso notar que todos êstes projectores tem cada um nomes curiosos, como chuva, espelho, marmitta, etc., etc.

— “Êle não faz senão correr atrás das raparigas!” — deverá dizer a artista com ar indignado, segundo lhe manda o papel. E ela repete isto 2 ou 3 vezes enquanto Zerlett a observa com ar crítico.

A câmara e o microfone estão em acção; Zerlett regista 3 vezes esta cena e, de tôdas as vezes, Tchekova toma um ar indignado e altivo. Achámo-la deliciosa talvez mais do que nunca e estamos certos de que todos os admiradores da Olga Tchekova serão da mesma opinião, quando a virem neste filme. Zerlett está contente e diz:

— Meus amigos, por hoje ponto final!

Nós saímos sorrateiramente mas, no entanto, ainda lançamos um olhar admirador para a luxuosa toilette da vedeta. Vestida com um modelo vienense, um casaco de merino castanho, cortado muito amplamente e orlado com peles de bisão. Um pequenino chapéu duma côr violeta pálida. Saímos com esta imagem nos olhos e com a certeza de que ela não se nos apagará tão cedo da memória.

Olga Tchekova é o encanto em pessoa, e, como estréla, deliciou-nos ouvi-la, seguindo o conselho do grande Olavo Bilac que nos diz num dos seus magníficos sonetos:

Ouvir estrélas!...

Z.



A Grande Muralha da China

QUANDO terminar a guerra entre estas duas potências, quer uma fique vitoriosa quer a outra, a situação do Extremo-Oriente sofrerá profundas modificações. Ambas as potências deixarão de ser o que têm sido até ao presente, tanto nas suas relações mútuas como nas suas relações com o mundo exterior. A potência vitoriosa assumirá imediatamente uma importância mundial tremenda.

É possível que essa potência seja o Japão e, nesse caso, será esse país que ditará as condições de um arranjo, que terá por título "Tratado da Paz". Será nesse caso o Japão que há-de reconstruir a China. As indústrias japonesas restabelecerão ali as suas próprias fábricas e os mercados chineses os seus

consumidores e o Japão será mais robusto e mais japonês do que nunca. A sua política será a política do Extremo-Oriente e será esse país que ha-de determinar os termos em que os outros países poderão comerciar com a China. O Japão converter-se-á, não só em grande potência, mas sim numa verdadeira superpotência, senhora de todo o Extremo-Oriente. A vitória do Japão significa o triunfo no oriente do imperialismo e fascismo e significa ao mesmo tempo que as nações terão novamente de preparar armamento contra armamento, em muito maiores proporções do que até hoje, porque inevitáveis guerras se háo-de lidar. Desde que o Japão possa dispôr da China, terá na sua mão inexgotáveis recursos para novas guerras. Se essas guerras forem

O PROBLEMA DO EXTREMO ORIENTE

SE VENCER O JAPÃO? SE VENCER A CHINA?

adiadas, para dar tempo à reconstituição da China, elas háo-de constituir uma ameaça permanente, devido à decepção das nações ao verem desvanecer-se as esperanças, que alimentavam, quanto ao oriente. Se, ao contrário for a China a vencedora, haremos de assistir a uma enorme expansão do seu poderio.

Poderio psicológico e material. A China contemporânea sofre de profunda humilhação, em consequência da sua inferioridade, especialmente da sua inferioridade mecânica. A China aceitou o conceito



O Imperador do Japão

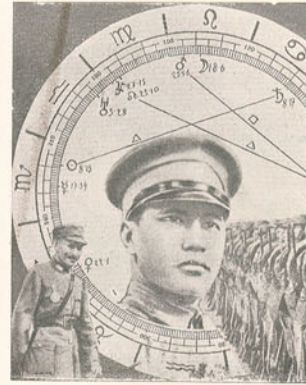
universal a respeito da sua deficiência militar e chegou mesmo a pôr em dúvida que algum dia pudesse ser uma forte potência militar, segundo o modelo europeu.

A sua filosofia da vida tem-lhe servido de amparo na sua resignação, mas compreende que essa filosofia não pode defender os chineses contra as bombas e os canhões. O facto de que os meios mecânicos, tão apavorantes, da guerra moderna não deram todo o resultado esperado e que, com os seus próprios meios, os chineses têm conseguido resistir aos tanques, aviões e esquadra dos japoneses, produziu um efeito importante sobre a mentalidade chinesa e este sentimento de confiança em si próprio será causa de tremenda expansão, caso os chineses vençam. Não haverá empreendimento, por mais gigantesco que seja, que a China não realize ou não tente realizar.

O regozijo repentino da nação e o favor popular pela guerra serão sem precedentes na história da China. A nação exigirá a reconstituição de tudo quanto foi destruído e o desenvolvimento de tra-

tos de terreno, para o interior do país, quasi desconhecidos da própria nação e que a guerra veio desvendar. Se a China vencer será esta a potência de quem dependerá a política do Extremo Oriente e o Japão passará a ocupar uma situação inferior à da sua antagonista. A China possui todas as condições para assumir aquela situação de superioridade se, contudo, não se deixar cair novamente nos séculos de repouso e indiferença, de que despertou agora.

Voltar a esse passado já não é muito



Chang-Kai-Shek

provavel, porque um novo virus trouxe a China de novo à vida e a animação.

É o virus que estimula o povo de hoje, o qual não sairá da guerra apático como nela entrou. A guerra deu-lhe nova vida e paixão e o governo que há de governar esse povo há de ser um governo saído do próprio povo. Não quer isto dizer que o governo será comunista. Em artigo anterior já dissemos que Chang Kai-Shek persegue os comunistas e declarou que os maiores inimigos da China são o comunismo e a indiferença. Um está quasi aniquilado e o outro acordou do seu torpor. A política externa de uma China vitoriosa será mais rígida do que jamais o foi e no seu próprio território não há de mais tolerar a influência estrangeira. Admitirá os estrangeiros de que carece e o comércio com o estrangeiro de que também carece, mas tudo sujeito ao seu domínio. Das suas águas háo de desaparecer as esquadras estrangeiras e dentro de casa não haverá mais tropa que não seja chinesa. Mas, por outro



Uma coluna nipônica avançando sobre Hanku

lado, a China não necessitará de fazer guerras de conquista para sua expansão territorial, pelo menos por muitos anos. A China está treinando actualmente um exército de dez milhões de homens que, se forem bem treinados e mantidos, farão da China uma potência militar de respeito. Muito dependerá da constituição desse exército sobre o ponto de vista dos seus meios de acção, que serão uns, se a China regressar ao seu antigo sistema de guerrear e muito outros, se o exército for apetrechado à moda do ocidente. Esse exército será em todo o caso destinado à defesa da integridade do território chinês e não à conquista de mais território, porque a China não necessita de colónias e,

a dentro das suas próprias fronteiras, tem tudo quanto necessita para viver independente. Tem matérias primas de toda a espécie; tem mão de obra económica e mercados para consumir toda a sua produção.

A força da China será a fraqueza do Japão e este deixará de ser uma potência militar. O Japão derrotado deixará de ser uma ameaça para o mundo. O sistema filosófico a que a China se entregou durante séculos produziu um ser humano menos perigoso para a sociedade do que o japonês activo nas indústrias e nas artes da guerra.

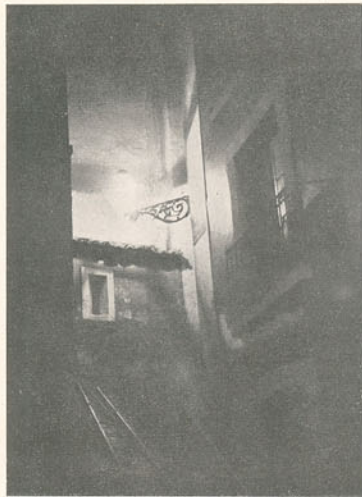
ADOLFO BENARÚS



Manifestações contra Chang-Kai-Shek na China ocupada pelos japoneses



Na Ponte das Perolas um soldado da guarda avançada japonesa contempla o pavoroso incêndio que devora a cidade de Cantão



Relíquias venerandas

Oh, a minha triste sina!... A minha triste sina!... assim gemeu ela nas vésperas de morrer; o meu coração nunca enganou de que eu marcharia muito nova para o outro mundo. E ainda bem porque já estou farta de sofrer!

Muitas vezes o dissera também quando tinha saúde e vivia despreocupadamente. Segundo o testemunho duma rapariga de nome Maria José que com ela habitou nos últimos doze meses da sua existência e que lhe serviu de enfermeira dedicada, os actos da sua vida pareciam desejos de suicídio. Queria ela aturdir-se ou procurar a sua estadia sobre a terra?

Coisa alguma se sabe, ao certo, da origem da sua queda na má vida; não gostava de relembrar os motivos que a tinham levado a esse infortúnio. O sr. Silva somente uma vez lhe ouviu uma frase de ódio que respeitava a esse lance:

— Este meu martírio devo-o a dois infames!... Um já pagou... A causadora da minha desgraça, essa tem tido o castigo em vida!...

E nunca mais lhe ouviu referências sobre o assunto. E quando éle quis profundar o assunto, a Severa atalhou-o com cólera:

— Se é verdade teres por mim alguma estima, não me tornes a falar do caso!...

Um indivíduo de nome João José Ferreira, que ainda vivia em 1898, conheceu a referida Maria José e por ela soube bastantes detalhes da vida da Severa, isto é, desde que aquela fôra recolhida pela célebre boneja até a data do falecimento. Por isso se pode lançar alguma luz sobre os factos que respeitam a essa desventurada.

Freqüentava com assiduidade o teatro da Rua dos Condes, não podendo, portanto, negar o pendor que a gente do

povo leve sempre por assuntos histrionicos. Quando se lhe fazia ver que o ar da noite lhe poderia acarretar prejuízo, dizia tristemente:

— Se me poupo duro dez meses, se não me poupo duro nove!... Enquanto estou no teatro não me lembro deste mundo maldito!... Deixa-me gozar até poder, Maria José!... Conheço perfeitamente o meu estado... Pouco tempo durarei felizmente!

Certa noite um grupo foi cantar-lhe à porta numa espécie de serenata. Eram amigos que a estimavam e que, de onde em onde, iam saber dela. Comoveu-se porque nos versos que lhe cantaram iam alusões à sua caridade e bons sentimentos que tinha. Mandou que entrassem e os quatro ou cinco da serenata lá estiveram tocando e cantando até de madrugada porque ela assim o exigiu.

— Vocês vêm cantar uma espécie de missa de defuntos, mas alegre, disse ela a rir; ladainha com guitarra!...

Diz-se que ela compusera as seguintes quadras e a música de lado, o que ela não negava. Devo a transcrição ao velho amigo que possuía a cópia dêles. A música também não a esquecera, e eu consegui fixá-la, motivo porque a aprento tão fielmente quanto me foi possível fazê-lo.

*Tenho vida amargurada,
Ai que destino infeliz!
Mas se sou tão desgraçada
Não fui eu que assim o quis!...*

*Quando eu morrer, raparigas,
Não tenham pezar algum!...
E ao som das vossas cantigas,
Lancem-me à vala comum!...*

A vala comum...

Era a ideia fixa que jámais a abandonou! Propósito firme do seu carácter não menos firme. Se fôsse possível registrar todos os actos da sua vida chegar-se-ia a



A actriz Júlia Mendes numa das suas evocações

A MORTE DA SEVERA

“Quero ir para a vala comum!.. foram as suas últimas palavras

uma conclusão psicológica; o estado da ciência está actualmente tão adiantado que ao psiquiatra não é difícil catalogar a idiosincrasia do examinando. Não sei se o desejo manifestado era obsessão. Na véspera do dia em que faleceu, quando ainda as vizinhas e quem lhe assistia estavam longe de presumir que o seu fim vinha próximo, a Severa recomendou, por duas ou três vezes:

— Não te esqueças de que eu desejo ir para a vala... sem caixão nem mortalha de serapilheira ou lençol! Corpo à terra... bem junto à terra!...

A moléstia que causou a sua morte não está para mim suficientemente explicada. O dr. José António Marques, médico militar que a observou nos princípios de 1846 disse que ela sofria bastante de palpitações desordenadas. Um facultativo dos tempos actuais chamaria a esse estado patológico a taquicárdia. Horas antes de morrer queixou-se de lancinantes opressões no lado esquerdo do peito com repetidas sufocações e dificuldade de falar, segundo informes da dita Maria José.

Na minha humilde opinião, sem autoridade, é certo, todavia baseada no estudo que fiz e acstado ao parecer de quem submeti as observações pessoais, parece que ela succumbiu a uma angina do peito. Pelo menos foi a sintomatologia que ela aprezentou.

Uma das causas da angina do peito é a emoção violenta. A Maria Severa leve-as e de vulto...

Avigoro-me nesta opinião, porquanto a sua companheira Maria José informara que um dos médicos que chamara, de apelido Rodrigues, morador na Rua dos Cavaleiros, receitara à enferma sanguesugas no lado esquerdo do peito, sinapismos e irritantes lavagens intestinais. Era a terapêutica do tempo, segundo me informaram. O médico acima referido, presumo fôra o dr. Joaquim Rodrigues, que morou na Rua dos Cavaleiros, n.º 43 ou 53 e mais tarde na Rua das Orlarias, e a êle se referiu numa crónica o escritor Pinto de Carvalho (*Tinop*) como homem caridoso, desinteressado e cheio de dedicação pela pobreza do bairro.

O incidente occorrido no largo do Carmo em Lisboa e ao qual já me referi, dá a impressão de que ela fazia uma bacilose pulmonar. Não se pode tirar a conclusão de que o facto de deitar sangue pela boca implica uma tuberculose pulmonar. Na minha vida de funcionário administrativo assisti à autópsia dum indivíduo vítima de desastre. Durante largos anos tinha tido grandes hemorragias bocais que o derrancavam para muitas semanas. Nesse exame, em que foi presente o seu médico habitual, constatou-se que êle não fôra portador de qualquer doença pulmonar mas sim duma afecção de miocárdio que o mataria em praso mais ou menos longo.

No assento do óbito da Frêguesia do Socorro que tenho diante de mim e que vai no aditamento, diz-se que ela *faleceu apoplética*. No registo do Cemitério do Alto de S. João, que também vai inserto, nota-se que faleceu de *congestão cerebral*.

Ela falou quasi até à última hora. Em geral, as pessoas atacadas de congestão do cérebro, de carácter mortal, perdem o uso da fala. É preciso notar esta indicação.

— Disseram-me (informou o sr. Silva) que poucas horas antes de morrer queixou-se duma dor do lado esquerdo do peito seguida de grande hemorragia; depois teve grandes sufocações, seguidas de fortes dores de cabeça.

A Maria José já citada, foi chamar um médico que residia na Rua Nova da Palma; declarou êste que a doente não passaria daquela noite. Não se enganou...

— Maria... quero ir para a vala!... disse já a muito custo. Cerrou os olhos que não mais abriu, assim como não proferiu mais palavra. As seis da tarde (dezoito, estilo moderno) começou agonizando... Ouvira-se na rua o estertor... Às vinte e uma horas deixou a Terra onde tanto sofrera. A sua carne que fôra tão apeteida pelos homens, e por fim mortificada pela moléstia, desceu à vala comum pela sua vontade expressamente repetida. Era a renúncia das últimas vaidades terrenas, a voluntária e comvente humilhação da mulher que tinha sido tão gentil e linda quanto sedutora e extremamente caridosa para com os desgraçados. E para lá a arremessaram...

O seu corpo emaciado juntou-se aos despojos ensangüentados dos que haviam servido de estudo nas mesas anatómicas do velho e ignóbil pardiêiro a que davam o nome pomposo de Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e aos restos dessa massa anónima e desgraçada que tinha morrido nas ruas ou abandonada nas mansardas...



Conde de Vimioso, amante da Severa

Quando me propuz investigar a vida desta mulher, ouvi dizer que a Maria Severa fôra acompanhada ao cemitério apenas por três ou quatro pessoas. Não era exacta essa asserção. Após a tumba da Misericórdia seguiram bastantes pessoas da sua vida de infortúnio e da fadistagem da Mouraria. Era a solidariedade da Desgraça...

Entre os acompanhantes notou-se certo indivíduo todo vestido de preto, pouco mais ou menos dos seus trinta anos, de olhos negros, que seguira o préstito desde a Rua dos Anjos onde se incorporara. No cemitério pediu, muito comodamente, que a defunta não fôsse lançada na vala prontificando-se a pagar um coval separado. Objectaram-lhe que a vontade da Maria Severa tinha de se cumprir. Não insistiu. A referida Maria José informou de que o desconhecido, passando dois ou três dias, foi à Rua do Capelão e falou com várias mulheres, e com ela, inquirindo da vida da pobre michela. Ouviu silenciosamente tôdas as aventuras que lhe contaram e, nalgumas passagens, mostrou-se dolorosamente comovido.

— O senhor é parente dela? perguntou-lhe a Maria José; quem é o senhor para assim se interessar tanto pela sua vida?

— Não se trata agora de mim, mas sim dessa pobre infeliz!... respondeu o desconhecido; à sua pessoa não lhe interessará saber quem eu sou.

— O senhor é muito parecido com ela! Agora é que eu noto isso!...

— Talvez... disse êle levantando-se como que a desejar terminar uma conversação que não lhe aprazia continuar; e, mudando de tom, continuou com tristeza: tenho bastante pena de não haver conhecido êsses factos há mais tempo!... Foi um simples acaso que fez saber que essa desgraçada ainda vivia. Fico-lhe muito obrigado pelas suas informações!...

E, segundo a Maria José informava, gratificou-a com muita generosidade. Quem seria êsse desconhecido que tinha tantas pareanças fisionómicas com a Maria Severa?

O sr. Silva, cireneu amável e obsequioso que eu tive nas minhas indagações, sabia do incidente do cemitério e somente mais tarde, anos talvez, teve conhecimento da entrevista com a companheira da falecida.

— Seria um irmão da Severa? perguntei.

— Não me surpreenderia que assim fôsse, disse o meu velho informador; todavia custamente acreditaria que êle não soubesse da vida que levava essa mulher!...

— E se o homem não tivesse residência em Lisboa como tudo leva a crer?

— Tem razão!...



Retrato da Severa, esculpado no esboço do pintor Francisco Metrass (1825-1861)

No entanto, êsse mistério fica e não será fácil desvendá-lo.

Tinha razão o velho amigo; jámais pude apurar coisa alguma.

JÚLIO DE SOUSA E COSTA.

O trecho que reproduzimos acima é do magnífico livro que o sr. Júlio de Sousa e Costa acaba de publicar sobre a inolvidável fadista que o eminente escritor sr. dr. Júlio Dantas imortalizou.

Sim, porque tudo o que gira em volta da desventurada Severa é movido pelo interesse que o insigne dramaturgo dr. Júlio Dantas soube despertar na alma portuguesa com a sua peça imortal. Se assim não fôsse, ninguém se lembraria hoje dessa pobre rapariga da rua do Capelão.



A passagem de tolhas na Calçada de Carriche



Esta tenista de bom estilo e fisionomia andrógica é a estrela de cinema GINGER ROGERS, para quem o desporto é um verdadeiro entretenimento salutar e não simples pretexto para reclamação fotográfica

porque muito poucas seriam as agremiações dispostas a comparecer depois de demonstrada a vulnerabilidade das decisões dos juizes.

Assim, devemos considerar a nova tentativa do Ginásio como o esforço salvador duma organização preciosa de propaganda, fechando os olhos às insuficiências ou irregularidades que possa apresentar sob o ponto de vista do rigorismo técnico e didáctico. Pelas primeiras informações circulantes, embora sem consistência definida, parece que o acolhimento dispensado pelo meio interessado não vai ser entusiástico o que afectará o êxito do concurso ao qual escassos concorrentes comparecerão, e é lástima que assim seja porque a divulgação popular da ginástica perde com o facto.

No concurso de 1939, marcado já para a segunda quinzena de Março, as equipas passam a ser constituídas por seis a oito adultos e oito a doze crianças; as provas a prestar constam de movimentos livres em conjunto, com

Foi já distribuído pelo Ginásio Clube Português o regulamento do concurso de ginástica educativa que aquela colectividade se propõe organizar este ano pela quarta vez. Prossegue, portanto, a obra de propaganda que aquele instituto empreendeu em 1936 e que procura manter através de todas as dificuldades.

O último concurso, cujo extraordinário êxito técnico e de assistência não é necessário recordar, deu posteriormente motivo a incidentes que puzeram em foco o perigo da competição livre num meio onde existe quem julgue desprimorosa qualquer classificação além da primeira; pareceu até provável que êsses incidentes viessem a reflectir-se no futuro de maneira a ferir profundamente o interesse do torneio ou talvez fazê-lo desaparecer do programa de actividades ginásticas.

O mesmo receio pesou no espirito dos organizadores que modificaram estruturalmente as disposições regulamentares do concurso, de maneira que indica haverem procurado eliminar a liberdade de composição das lições para estabelecer que os concorrentes sejam classificados apenas pela diferença de execução e pelo seu mérito individual, alheando a melindrosa questão do confronto entre o trabalho orientador dos professores.

Aprovamos inteiramente a nova regulamentação elaborada pelo Ginásio, embora reconhecendo que ela desvirtua em grande parte o significado do concurso que é ainda designado de ginástica educativa, mas passa a sê-lo com menos propriedade. Não havia no entanto outro caminho a escolher, pois a conservação dos antigos preceitos, únicos que correspondiam na íntegra à verdadeira finalidade da iniciativa, acarretaria o fracasso

A QUINZENA DESPORTIVA

em voz alta a pontuação atribuída pelos juizes.

Observa-se claramente por estas disposições o propósito de evitar os inconvenientes das reuniões finais do júri e das classificações secretas, mantendo os participantes ao corrente da posição que lhes é atribuída; e quanto ao programa de provas, se é exacto, que se presta a crítica porque restringe o número de exercícios, muito aquém do esquema duma lição completa educativa, nem por isso deixa de possuir valor próprio. Se desaparecesse da designação escolhida a palavra "educativa", e passasse a ser apenas um concurso de ginástica, nada haveria a censurar-lhe.

A ideia que orientou a regulamentação do próximo certame do Ginásio Clube Português, foi inspirada na fórmula dos campeonatos olímpicos de ginástica aplicada, cuja semelhança de regras é flagrante; é possível que a adaptação não seja oportuna, mas também não lhe encontramos inconvenientes que fundamentem a sua repulsa.

A antiga fórmula, verdadeiramente exacta, tornou-se irrealizável pelo exagêro de rivalidade e pelo critério daqueles que fizeram das classificações um despropósito ponto de honra ou trampolim de ambições privadas; como tôda a gente assim o reconheceu, a nova regulamentação traduz o desejo de impedir a morte dos concursos dando-lhe aspecto diferente e libertando susceptibilidades. É aceitável.

Fora desta interpretação e na comprovada impossibilidade de manter o velho regime de provas, só encontramos outra solução viável: a do torneio individual, por categorias. Estabelecer-se-iam diversos programas de exercícios, em dificuldade crescente, cuja execução julgada

dentro de determinadas condições de correcção, valeria a conquista da insígnia de gymnasta, gymnasta distinto ou gymnasta excelente, e a colectividade vencedora seria aquela que maior número e melhores classificados obtivesse.

Esperemos o resultado da iniciativa do Ginásio para apreciar a razão de ser dêste nosso alvitre.

A Finlândia, que recebeu por herança tardia o encargo de organizar os Jogos Olímpicos de 1940, em virtude da desistência do Japão, prossegue afanosamente os trabalhos de preparação material, de forma a não desmerecer, dentro dos seus recursos, das esmagadoras tradições dos Jogos anteriores.

País de recursos incomparavelmente inferiores aos da Alemanha ou dos Estados Unidos, estabeleceu em primeiro lugar a redução do programa de competições e acautelou-se desde já na solução do complicado problema da instalação dos concorrentes estrangeiros e dos espectadores visitantes, procurando conseguir a organização de excursões marítimas e a permanência no porto dos respectivos paquetes que assegurariam pousoada aos viajantes.

Como sempre sucede nestes períodos olímpicos intermediários, seria vantajoso que o Comité Português estabelecesse sem tardança contacto íntimo com as federações, imprimindo com a necessária antecedência uniformidade de critério à preparação nacional.

O problema da escolha dos desportos a



Ainda que atrozada pela força das circunstâncias, «Ilustração» não pode esquecer a homenagem ao grupo nacional de futebol que tão valerosamente se bateu na Suíça, apresentando este aspecto da entrada dos jogadores portugueses no estádio de Lusznau

incluir na embaixada não é tão fácil como parece, pois as experiências passadas têm demonstrado que alguns, cujos dirigentes proclamam de grande classe, fallham depois em absoluto no confronto internacional e as desculpas habituais de deficiência do material não têm valor pois são antecipadamente conhecidas e devem pesar no cálculo das probabilidades.

Na ausência do futebol, dada a condição do profissionalismo de todos os nossos jogadores de categoria, o hipismo e a esgrima aparecem como o núcleo consistente da representação portuguesa; não seria possível conseguir para o primeiro o auxílio do Estado no sentido de for-

necer aos melhores cavaleiros montadas dignas do seu merecimento? E não seria também prudente intensificar sem perda de tempo o aperfeiçoamento dos nossos esgrimistas já que a sua classe momentânea parece em declínio relativamente às equipas que em anteriores Jogos nos deram cotação de destaque?

Visto estarmos em mar de perguntar, não seria ainda conveniente criar aos nossos especialistas de tiro reduzido, que os temos brilhantes, a possibilidade de praticarem o tiro olímpico na esperança de encontrar entre êles quem nos represente condignamente?

Afigura-se nos serem êstes três problemas aqueles cuja solução urgente pode valorizar a participação portuguesa na Finlândia, de que nos separa o curfíssimo praso de ano e meio; tudo o resto, embora custe à vaidade dalguns praticantes, não passará de figuração secundária, desde o atletismo onde apenas cumprirmos um dever de presença, até à vela, que de quatro em quatro anos vê morrer mais uma illusão.

Os jornais anunciaram já, com títulos de palmo como se tratasse dum assunto de excepcional importância, o convite dirigido ao nosso país para se inscrever no jogos de 1940, quando se trata apenas dum rito protocolar cumprido em idênticas condições junto dos cinquenta e tantos comités nacionais reconhecidos.

Seria preferível que os dirigentes responsáveis da representação portuguesa, e que são afinal os orientadores das federações desportivas, congregassem os seus esforços no sentido de obter desde já do Comité os elementos estruturais da futura equipa olímpica, a fim de fazer o balanço das possibilidades numéricas de conjunto e, em seguida, da melhor fórmula para a sua constituição. Essa seria, depois, a base verdadeiramente útil...



O estado actual das obras de ampliação do estádio de Helsinki onde terão lugar os Jogos Olímpicos de 1940, vendo-se em torno os numerosos campos destinados aos torneios de futebol e hockey



A canoagem é desporto muito divulgado nos países do norte, onde a própria neve, como mostra esta gravura, não impede que as provas sejam disputadas com calor por numerosos praticantes

UM indivíduo mostra a um amigo um carro que comprou dizendo-lhe que poderá fazer assim 150 quilómetros à hora.

E termina:

— Precisava disto... Quero viajar... Quero conhecer mundo...

O outro, que lhe conhece a imprudência, pergunta:

— Mas qual mundo? Este ou o outro?

A bordo dum barco, um visitante pede que lhe mostrem as cavalariças.

— As cavalariças?!

— Sim, senhor. Aquelas onde estão os 8 mil cavalos deste navio.

Numa aula de fortificação:

Professor — Como valor estratégico qual é mais importante, um forte ou uma fortaleza?

Aluno — A fortaleza.

Professor — Porquê?

Aluno — Porque sendo feminino, é mais difícil de reduzir ao silêncio.

No tempo em que o Brasil usava a moeda *fraca* e nós a *forte*, um oficial de marinha daquele país dizia a um português:

— O nosso *Guarany*, desloca 15.000 toneladas.

O português, achando exageração o número:

— Fracas ou fortes?

Um caloteiro que compra tudo a prestações, procura um dos seus muitos credores, para lhe dizer:

— Sinto muito, mas não posso pagar a prestação êste mês...

— Mas o senhor já me disse a mesma coisa o mês passado e o anterior!

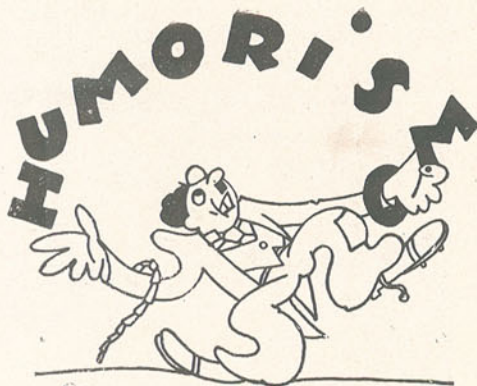
— E então? Não tenho cumprido com a minha palavra?

Uma senhora, numa reunião, declara com a maior franqueza:

— Fiquem sabendo que gosto muito



No dia de finados.
— Dois crisântemos cinco escudos!... Decididamente, a vida está pela hora da morte!...



mais dos homens que das mulheres... Não se riam... Não é por êles serem homens... É por não serem mulheres.

A senhora para a criada:

— Quebrou a jarra de porcelana em que eu tinha grande estimação? Pois desconto-lhe vinte escudos no ordenado para comprar outra.

— Mas a senhora, quando lha ofereceram, disse que a jarra não valia vinte e cinco tostões...

Um doente foi consultar um médico afamado, que lhe recomendou:

— Meu amigo, temos ambos a mesma doença. Faça o que lhe receito, e sobretudo, deixe de fumar.

Quando o cliente se despediu, o médico acendeu um charuto.

— Então o doutor recomenda-me que não fume, por me fazer mal — exclama o doente — e eu vejo-o fumando...

— É verdade; mas eu cá não faço caso do que os médicos dizem!...

O marido, indignado:

— Nesta maldita casa, falta-me sempre tudo. Dir-se-ia que vivo num deserto.

Ela, imperturbável:

— Suponho que é, por êsse motivo, que tu, em casa, te conduzes como um camêlo!...

O pai, querendo ensinar aritmética ao filho:

— Se eu te der três amêndoas numa mão e quatro na outra, quantas amêndoas terás ao todo?...

— Muito poucas, papá.

Um andaluz é convidado a jantar, por um amigo seu.

O jantar é medíocre, e o vinho mau. O andaluz diz muitas graças em todo o tempo que dura o "banquete".

À despedida, o dono da casa louva-lhe muito o bom humor e a feliz animação em que esteve.

— Ainda isto não é nada — responde

o andaluz. — Quando vale a pena ouvir-me, é quando me oferecem um bom jantar!

— Porque não estudaste a tua lição de História Antiga?...

— Porque ouvi a mamã dizer-lhe, ontem á noite, que era necessário esquecer o passado!

A filha dum avaro pergunta ao pai:

— O que me dá o papá quando eu casar?

— Dou-te... o meu consentimento.

Numa praia:

O marido, á mulher: — Não tomas banho, hoje?

A mulher: — Não; o mar está muito bravo e podia levar-me.

O marido: — Pobre mar! se tal fizesse, depressa se arrependeria!...

— Ó senhora Joana, como é que o seu menino já usa óculos, assim tão pequeno?

— Eram do seu pobre pai, que Deus haja, e eu ponho-lhos porque é uma pena que ninguém os aproveite.

A mãe do Luizinho, farta de vêr as toalhas de mesa todas enxovalhadas, impôs a multa de um tostão por cada nódoa. Dias depois, ao almôço, reparou que o Luizinho estava esfregando muito o dedo, pouco limpo, na toalha junto á chávina e pires.

— Luizinho, que estás tu a fazer? — perguntou-lhe admirada. Vais sujar a toalha toda.

— Não vou, não! — respondeu o pequeno. É que estou a vêr se faço de duas nódoas, uma.



— Coragem, minha querida senhora! Pense que seu marido é feliz, numa vida melhor...
— Pois isso é que me arrelia os fígados!...

BERÇOS, esperanças de novas vidas, alfôbres de santos, heróis ou desgraçados.

Um berço é sempre motivo evocador de beleza, de sensações de alegria e de tristeza, também.

Quando um par amoroso e feliz que se dispõe a seguir pela vida fora sempre unido nas dôres, como nos prazeres; quando são dois, como se dizia na velha canção de Maurice Chevalier com Yvonne Vallée; quando uns olhos se miram noutros olhos igualmente amantes, e duas bôcas se beijam com o mesmo amor estuante de entusiasmo; quando dois noivos, enfim, esperam o fruto-prova da sua gloriosa *entente*, um berço, que já aguarda a um canto do quarto nupcial, muito enfeitadinho pelos cuidados carinhosos da futura mamã, é qual mimoso açafate cheio de lindas flores, que embalsamam o ar e encantam a vista.

À sua beira fazem-se preces de amor, gizam-se planos de futuro, e começam logo a amalhar-se uns cobresitos, surripados ao magro ordenado, se de pobres se trata.

E quando vem alegrar o lar, com seus sorrisos inocentes, a criança, no seu berçinho dourado ou tôsko e humilde, é quem governa, é quem manda, é o senhor, o amo, o tirano inconsciente que nos tortura, à fôrça de tanto prazer, de tanta felicidade, que nós tememos vêr transformados em amargura.

Quanto maior é a nossa ventura, maior é também o sobresalto em que andamos, com receio de perdê-la.

Quando uma criança morre, o seu berço vazio é uma comovente mancha de dôr, uma razão de tristeza infinita, o sinal duma desventura que não sofrerá nunca modificação, que será sempre desventura, cada vez mais viva, mais pungente, porque um filho morto vive eternamente no coração de sua mãe.

Mas é, também, a recordação que dulcifica a saudade e a mágoa de quem o perdeu.

Dali parecem acenar ainda os seus bracitos rosados e afigura-se-nos que a sua cabecita loira repousa ainda na almofada, entre rendas e fitas ou entre os trapinhos muito lavados e remendados por mão solícita de mãe carinhosa.

Quando uma criança morre, leva sempre consigo a alegria de sua mãe, que não mais poderá rir como dantes, para quem a vida será apenas um fardo pesado de angústia e de saudade.

O berço será, então, o escrínio santo de santas recordações.

Berços há, para todos os países, que são emblemas de gênio, de bravura, de heroicidade e de glória.

Berços de Shakespeare, de Vasco da Gama, de Dante, de Camões, berços que adormeceram infantes que traziam consigo a tarefa difícil e ingrata de honrar uma

pátria, mal recompensados e tardiamente reconhecidos e glorificados, muitos dêles.

Berços que embalsamam creanças lindas e inocentes como tôdas, mas que mais tarde deram em assassinos, ladrões e traidores. Berços de João Brandão, Landrú, Lampeão e peores ainda.

Berços serão sempre benditos pelas

BERÇOS, PRESÉPIOS DOS LARES

mães, quer nêles repousasse um santo ou um facinora, um sábio ou um pateta.

Sômos todos iguais em pequeninos, quando nas boquitas sequiosas brilham como perolas gotas do leite materno, como iguais somos nos braços da morte, a niveladora das classes e das castas.

Berços, cofres sagrados onde se guardam as mais radiosas esperanças de felicidade ou canteiros encantados, onde florescem sempre viçosas, regadas pelo pranto piedoso duns olhos maternos, as flores da eterna saudade.

Berços, aspirações ardentes ou cruciantes amarguras.

Mas há um berço divino um berço feito duma mancheia de palha num estábulo de Bethlem, que nesta quadra tôda a humanidade festeja com suas rezas fervorosas, com um berço que foi a nossa redenção, um berço onde começou a história maravilhosa de Jesus Cristo — o mártir, o crucificado por uma ideia grande de mais para ser entendida pelos homens pecadores, — o santo que redimiu o madeiro em que pregaram seus chagados membros do ditico infame de cruz do castigo, e o tornou numa cruz de salvação.

Benditos sejam todos os que, através das dôres e das desilusões, que esmaltam com tintas negras o caminho da vida, não perderam a fé naquele que morreu por nós.

E oxalá que os transviados, tocados pela sua excelsa graça, se arrependam dos seus êrros, e se ajoelhem e rezem, também, junto dêsse presépio pobresinho, onde principiou a esboçar-se, pela mão-sinha piedosa do menino-Deus, o primeiro gesto da redenção da humanidade.

MERCEDES BLASCO.



O Presépio — Quadro de Mestre Fransche, no Kunsthalle de Hamburgo



D. Isabel de Portugal, retrato por Sanchez Coelho

D. Francisco de Borja era um novo, como disse, um moço mesmo, mas a sua prudência, sensatez e gravidade habitual faziam-no respeitar como se, na realidade, êle fôsse um homem de idade madura. Gravidade habitual? Devia antes ter dito melancolia habitual, pois um vên de profunda tristeza ensombrou continuamente o aristocrático semblante do filho do duque de Gandia e, só de longe em longe, nos seus lábios se desenhava um sorriso — um páldio e doloroso sorriso, através do qual transparecia uma alma despedaçada.

D. Francisco sofria dum mal profundo, e incurável... Todas as feridas se curam, excepto as do coração, e D. Francisco havia sido ferido em pleno coração... O nobre descendente dos Borgias



FRANCISCUS BORJA III GENERALIS PRÆPOSITVS Societatis IESV: quam ab anno 1565 Indij 2. ad 5. 1572 Olivæ in a. felicitèr vixit. Obijt Romæ, ætatis suæ 62. Anno 1572 Martij 2. obiit. Cuius sepulchrum in Basilicâ. Romanâ.

Francisco de Borja, após a conversão.

amava, com um amor louco e infeliz, um amor que tocava as raías da adoração a imperatriz sua ama e senhora... Para o mal do amor, quando é verdadeiro, não há cura possível. D. Francisco de Borja não conseguiu vencer em si o mal, mas soube ocultá-lo e, tão grande foi a sua compostura que jamais alguém, nem mesmo a própria imperatriz, adivinhou o drama de paixão que se travou no ínfimo do mosteiro-mor.

D. Isabel admirou e estimou profundamente, como de resto o imperador o admirava e estimava, êsse ente tão fidalgo pelo nascimento como pelo carácter, que lhe dedicava os seus dias, mas nunca se apercebeu de que êle, não só lhe consagrara a sua existência, como lhe dera a sua alma...

E, tanto assim é, que, na ignorância absoluta de desvairada paixão que inspirara ao moço Borja, para o desviar dos seus ideais monásticos, decidiu, de acôrdo com o imperador, unir o seu leal servidor e parente à sua mais querida e íntima amiga D. Leonor de Castro, uma das aias que, sempre a seu serviço, a tinha seguido de Portugal a Espanha.

O jóvem cavaleiro teria preferido sepulturar a sua bela mocidade num claustro a, sem amor, contrair laços que o acorrentariam ao Mundo; porém, em face do desejo da imperatriz, sua senhora, e da vontade do imperador, seu amo, decidiu permanecer no século e desposar a dama portuguesa.

D. Leonor de Castro, a "flor de gentileza" como lhe chamou um poeta, era em tudo digna do futuro duque de Gandia. D. Francisco não a amou, nem a podia amar (o coração dá-se, e, quando o amor é verdadeiro e o ente amado digno dêsse culto, é impossível rehavê-lo) mas soube estimá-la e respeitá-la, de forma tal, que lhe deu a conhecer a perfeita ilusão da felicidade.

As semanas, os meses e os anos passaram — e chegou-se a 1539.

Isabel de Portugal contava trinta e seis anos. Passara a primavera e entrara no verão da vida. Tudo lhe sorria no Mundo. Mas, estava escrito que ela jamais nem o outono, nem o inverno, conheceria. O destino deciu arrancá-la dos seus em pleno esplendor de beleza e de ventura.

A morte desceu à Terra e, rápida e cruel, ceifou a mais bela flor de Portugal e Espanha. Foi em Toledo, na velha cidade das portas mouriscas, pendurada como um ninho de águias nos altos e nas encostas duma serie de abruptas colinas, aos pés da qual corre o Tejo, que a imperatriz deixou o Mundo.

Carlos V partiu para Toledo por causa da retinião das côrtes. Isabel, apesar de esperar em breve assegurar a successão da coroa com um novo herdeiro, não quis deixar de acompanhar o marido.

De repente, no dia 1 de Maio, quando assistia à missa, sentiu-se mal, devorada por uma febre intensa. Transportaram-na a tóda a pressa ao palácio do conde de Tuensalida. Lá, o parto precipitou-se. A criança, um príncipe, nasceu morto. A febre, longe de diminuir, recrudescera de hora em hora.

As últimas esperanças desvaneceram-

NÉVOAS DO PASSADO

A conversão de D. Francisco de Borja

ante o cadáver de D. Isabel de Portugal

—se e, na presença do marido, das damas e dos sacerdotes que rezavam os officios dos mortos, a imperatriz da Alemanha rendeu a sua alma ao Criador.

Perante o leito de morte de D. Isabel de Portugal todos caíram de joelhos, soluçando. E, pela primeira vez na sua vida, ao ver inanimada e fria aquela que enchera de sol treze anos da sua existência, o imperador conheceu o amargo sabor das lagrimas que humedecem as palpebras, depois de haverem retalhado o coração. Em seguida, foi a separação final. Pela última vez Carlos V contemplou o cadáver da esposa muito amada.

Tristes desposos êsses! Já não era uma imperatriz que surgia diante dos seus olhos enevoados pelo pranto, mas uma freira!

Sim, em obediência, ou aos expressos desejos da morta, ou ao antigo uso, haviam-na amortalhado, não com as suas galas imperiaes, mas na humildade dum burel franciscano.

Quando viu afastar-se para sempre o corpo da princesa, Carlos de Habsburgo decidiu fugir para longe, para muito longe daquele maldado palácio, onde tudo lhe recordava a esposa que perdera.

Montou um cavalo veloz — corcel para namorados ou desesperados — e foi esconder a sua dor à sombra acolhedora do claustro do mosteiro de Sysla.

A etiqueta não lhe permitia que fôsse acompanhar a esposa à sua ultima morada. Era ao marquês de Lombay, D. Francisco de Borja, mosteiro-mor da imperatriz, que cabia êsse doloroso encargo.



Um soldado da guarda imperial

D. Francisco não se eximiu ao cumprimento do seu dever para com aquela que, tantas vezes, nas horas de alegria e de triunfo, acompanhara a solenidades quer públicas, quer religiosas. E, sufocando a sua dor, foi acompanhar a sua imperatriz e senhora na derradeira viagem que ela fazia por aqueles seus reinos. Sinistra cavalgada aquela, de homens e mulheres cobertos de luto, com os olhos inchados de chorar, caminhando, sob o calor tórrido de Maio, pelas terras de Castela e de Andaluzia!

Num contraste impressionante que ainda mais penosa tornava a dor de todos os componentes do funebre cortejo, a natureza em redor parecia rir, falar do prazer de viver, entoar um hino de alegria...

E assim andaram, dias e dias, sob um sol de fogo, as cem léguas que separam Toledo de Granada.

Era em Granada que por vontade de Carlos V, a imperatriz iria repousar junto dos Reis Católicos, seus avós, esperando o dia em que êle viesse reunir-se lhe.

Entraram na velha cidade mourisca, donde, um século antes, com a expulsão

de Boabdil, cairia para sempre o crescente de Allah para se levantar a cruz do Nazareno, entre alas de povo empunhando brandões acesos.

Dirigiram-se à catedral — a maravilhosa catedral fundada por Diego de Siloe — onde o arcebispo de Granada, revestido da sua mitra e pluvial, os esperava para rezar os seus responsos.

Deposaram o ataúde na capela real e quedaron-se silenciosos, olhando o amplo pano mortuário, onde se destacavam bordadas as quinas reais de Portugal e a águia imperial austriaca.

O momento era solenissimo. Segundo o antigo uso, consagrado desde séculos, o arcebispo não podia receber o corpo para lhe dar sepultura, sem que o fidalgo que o conduzia, uma vez aberto o caixão e posto o cadáver a descoberto, jurasse que era aquele realmente o corpo da gloriosa e excelsa princesa cuja guarda lhe havia sido confiada.

Só depois de ter chamado a defunta três vezes pelo seu nome e o arcebispo a ter reconhecido como morta, é que ela podia baixar à sepultura.

Mais uma vez se cumpriu a velha tradição. Afastaram o pano mortuário onde a sombria águia bicéfala estendia as suas asas falídicas, e abriram o caixão.



Carlos V

Imediatamente se espalhou pela capela um cheiro nauseabundo, tornando o ar quasi irrespirável.

Que quadro de horror!

A face e as mãos esverdeadas, quasi roxas, metias devoradas pelos vermes, apavoravam. Dos olhos só restavam dois buracos negros. O nariz desaparecera bem como os lábios...

Todos estremeceram de horror. Uns,



A conversão do duque de Gandia perante o cadáver de D. Isabel de Portugal — Quadro de Moreno Carbonero



Carlos V

desviaram a vista apavorados. Outros, ocultaram o rosto nas mãos, para não ver aquela macabra visão. Outros ainda, taparam o nariz com os lenços, para escapar ao cheiro que o cadáver em putrefacção exalava.

D. Francisco de Borja sentiu o solo quasi fugir-lhe debaixo dos pés, mas, reunindo toda a sua coragem, não desviou a vista do cadáver de Isabel de Portugal.

Um turbilhão de pensamentos convulsionou o seu espirito de místico exaltado, e, durante alguns minutos, permaneceu imóvel, terrivelmente pálido, sem pronunciar uma palavra, todo entregue às suas reflexões.

Amára muito aquela mulher — pensava — amára-a mais do que o pai, esposa e filhos, com um amor que tocava as raias da adoração. Dera-lhe a sua alma, consagrara-lhe a sua existência, desejara até morrer por Ela. E afinal, porquê? Porque era linda, maravilhosamente linda e jovem, e porque era a rainha, a imperatriz sua ama e senhora.

Não seria aquela adoração que só a Deus era devida — racionava D. Francisco de Borja dominado pelo seu espirito religiosíssimo — só por si um pecado? Não seria aquela dedicação absoluta que também só a Deus era devida, igualmente um pecado?

Não seria aquele espectáculo de horror — aquele ataúde onde, duma maneira tão brutal e tão cruel, se patenteava o nada das grandezas, o nada da condição humana — uma lição que a morte, mostrando-lhe a miséria do ídolo que ele erguera na sua alma quasi acima do Senhor, lhe dava para iluminar o seu espirito?

Afinal o que eram a Vida, a Formosura, a Grandeza?

Dias antes da sua morte, a imperatriz, mais viçosa do que nunca, entrara solenemente em Toledo ao lado do imperador.

Afinal, apenas os sinos haviam acabado de repicar pela sua chegada, já dobravam pela sua morte...

E agora, Ela estava ali, entre as quatro tábuas dum ataúde. Já não era um corpo, mas um cadáver e, dentro em pouco, não seria mais do que um punhado de cinzas.

O que era a Vida, afinal? Um sonho, uma breve passagem entre o Nada e a Eternidade.

Dias antes da sua morte, a imperatriz a todos aparecia como a imagem da suprema formosura.

Afinal, toda a beleza desaparecera, sob a garrida da doença e o sopro gélido da morte...

E agora, Ela estava ali, entre as quatro tábuas dum ataúde, objecto, não de admiração, mas de horror.

O que era a Formosura, afinal? Uma flor efémera condenada a perecer.

Dias antes da sua morte, a Imperatriz era a mais poderosa e invejada soberana da Cristandade. Todos se curvavam, se ajoelhavam à sua passagem, ansiosa por

O que era a Grandeza, afinal? Uma ilusão.

Só Deus era absolutamente Eterno, Imarcessível e Omnipotente.

A partir desse instante, D. Francisco de Borja teve em desprêzo a Vida, a Beleza e o Poder Humano que passam tão depressa para, num tão estreito recinto, irem acabar.

O arcebispo, os prelados e todos os assistentes esperavam imoveis o seu testemunho.

D. Francisco voltou como que a si. Levantou a mão e jurou que aquele cadáver era realmente o da Imperatriz D. Isabel de Portugal, mas jurou ao mesmo tempo no seu íntimo que, se algum dia ficasse viuvo, renunciaria ao serviço de qualquer senhor que não fôsse Deus — aquele que não era susceptível de mudança alguma.

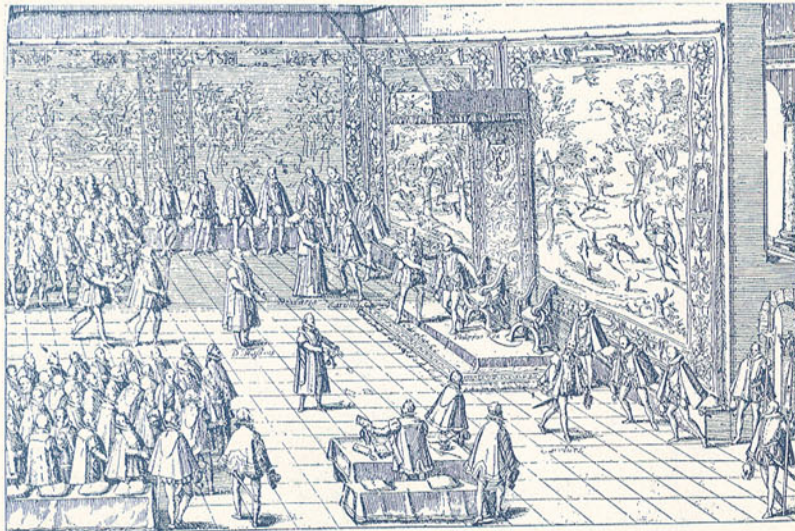
E, contemplando fixamente o cadáver imperial, exclamou em voz sumida:

— “É esta então aquela imperatriz Isabel, célebre pela sua beleza e virtudes, soberana de tão grandes reinos e senhora de tantos povos? Que foi feito desse rosto lindo, desse formoso corpo que a faziam parecer um anjo entre as mulheres?”

“Não quero abraçar mais a minha alma num sol que possa apagar-se — acrescentou profundamente emocionado — nem quero voltar a servir senhores que em vermes se convertem!”

E aquele jovem de vinte e oito anos cumpriu o seu juramento. Uma vez livre de todos os laços pela morte da esposa, D. Francisco de Borja, marquês de Lombay e duque de Gandia, renunciou a todos os seus bens e grandezas para ir servir o Eterno.

O resto da sua vida não foi mais do



A abdicação de Carlos V

terem a honra de serem admitidos à sua presença.

Afinal, todas essas coroas imperiais, reais e ducais não a tinham preservado da morte...

E agora, Ela estava ali, entre as quatro tábuas dum caixão de cuja vizinhança todos, enojados, procuravam afastar-se...

que uma epopeia de amor a Deus e sacrifício ao próximo.

A igreja venera-o sob o nome de S. Francisco de Borja.

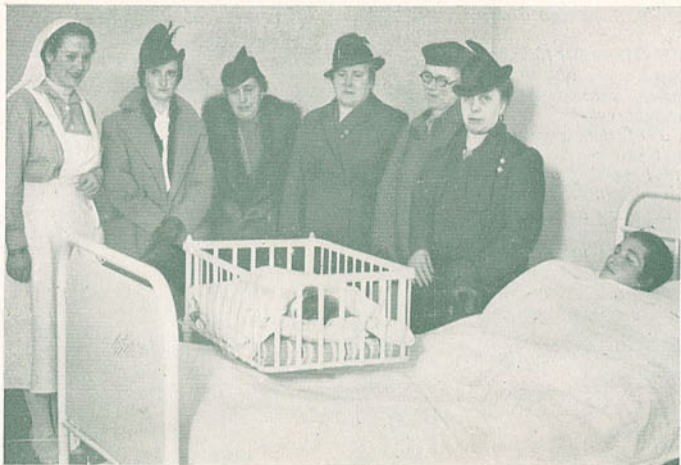
A visão do cadáver putrefacto de Isabel de Portugal, dum justo fizera um santo.

EUNICE PAULA

ACTUALIDADES DA QUINZIENA



O sr. Cardial Patriarca saindo da igreja dos Mártires a cerimónia de glorificação da mãe portuguesa e da Padroeira de Portugal celebrada naquele templo, e que fez parte do programa do IV dia da Semana da Mãe



Em cima, à direita: A mesa que presidiu à inauguração da Exposição de Berços no Liceu D. Felipa de Lencastre. Ao centro, à esquerda: As dirigentes da Obra das Mães pela Educação Nacional na sua visita à Maternidade Alfredo da Costa. A' direita: O sr. Presidente da República, acompanhado por sua esposa, pelo sr. ministro da Educação Nacional e pela sr.^{ta} condessa de Rilvas, visitando a Exposição dos Berços no Liceu Felipa de Lencastre, onde figuravam o que foi do rei D. Carlos, o do infante D. Afonso, os berços rasteiros de jardins, de D. Carlos, e D. Afonso, os que foram de D. Pedro IV e D. Manuel II e outros de altíssimo valor



O sr. Presidente da República, tendo à direita os srs. Ministro do Interior e o general Amílcar Mota, e à esquerda os srs. Mira Mendes e director da Casa Pia, presidindo à sessão da abertura do ano lectivo d'êste modelar estabelecimento de ensino. A' direita: O sr. ministro das Obras Públicas inaugurando as comunicações radiotelefónicas entre o Continente e o Funchal



um hospital infantil que como os seus novos parques fosse perfeito, e mais ainda do que isso a obra, que em Roma é exemplar das Amalutórias infantis. Casas onde recebem tratamento «gratuito» as crianças, que são fracas ou doentes, mas que não precisam de hospitalização. Nessas casas as crianças fracas que podem viver em família são observadas por especialistas de crianças, pesadas semanalmente e convenientemente tratadas.

Assim não se separa a criança da família e rai-se fortificando sendo sempre necessário que adjunto a esse ambulatório, haja um auxílio para a alimentação das crianças que pelo seu estado exigem uma mais forte ou mais cuidada alimentação, e, são pobres.

Que bela nota seria esta obra que ligada às que já existem e são para elogiar, tornaria mais perfeita a assistência infantil e mais útil também. Já muito que a criança tenha onde respirar ar puro, que tenha onde brincar, que tenha onde aprender as primeiras letras e as primeiras noções da vida sem um esforço superior à sua inteligência. Mas para que possa aproveitar, essas vantagens, as crianças precisam de ter saúde, porque sem ela não podem brincar nem podem aprender com o aproveitamento útil, para o seu estar e para o desenvolvimento físico e intelectual.

É necessário tornar forte a raça para que ela possa dar à nação o esforço que a nação dela espera.

As crianças respaldem de saúde que tenham boas cores, que se deixem de ver essas crianças magras e pálidas, ou óbesas e disformes, que haja alegria nos seus gestos e não nervosismo exagerado.

Esta uma obra que deve interessar todas as mulheres portuguesas, que têm corações maternal, e que se confrontem ao notar o grande número de crianças com aspecto doentio.

Porque se já agora é aflitivo ver tanta criança infesada; é assustador pensar o que será a futura geração, que elas darão à Pátria. É preciso pensar muito a sério no tratamento e na assistência infantil de baixo de todos os pontos de vista.

Amalutórias infantis onde se modifique o estado de saúde da criança portuguesa, seriam o complemento indispensável à obra que nos últimos anos tão proficuaemente se tem realizado.

As enternecedoras crianças de Portugal tem o direito de tudo exigir de nós.

MARIA DE EÇA.

A MODA

Na moda actual tão variada em formas e feitios nota-se este ano a tendência para desmarcar aqueles feitios que são próprios para as senhoras,



Uma criança saudável tem uma assentada pele, e, é monsa de génio, porque as exclamações nervosas, ou são uma tara de família ou um estado geral doentio, que assim se manifesta.

PÁGINAS FEMININAS

e, as que são dedicadas às meninas novas e esbeltas.

Nada pode haver de mais sensato e ao bom senso das senhoras, fica o descriminar o que lhes é próprio ou não, e, orientar a sua maneira de vestir nesse sentido com o que só terão a lucrar.

Há muitas senhoras que pensam rejuvenescer vestindo os mesmos modelos que suas filhas. Não podem haver maior engano, as modas que cabem nas meninas accantam muitas vezes pequenos estragos, que sem essas modas passariam despercebidos.

Quando da moda dos vestidos «bébé» viam-se



disformes «bébés», que muito ganhariam em não seguir a moda. Mas foi uma época em que não havia escolha e todas as senhoras vestiam uniformemente, o que felizmente agora não sucede, o que só traz vantagens.

Apresentamos vários modelos:

Casaco de abafo em fazenda preta, guarnecido a «renard argentée». A pele colocada em volta do pescoço em forma de gola cae dum lado e doutro até à cintura onde faz duas algebeiras. O chapéu em feltro segue dois movimentos, colocado à frente tem uma tira que cobre a nuca e é guarnecido com fitas de «gras-gras» que dão ao chapéu um ar «relancé»; pequeno véu.

Para menina um bonito «ensemble» em fazenda castanha guarnecida a «astrakan» da mesma cor. A saia é completamente lisa, o casaco muito simples é acertoado e abotoa de alto a baixo, em volta da gola uma ligeira guarnição de «astrakan» que se repete nas algebeiras. A pequena «toque» que a acompanha é também em «astrakan», luvax e meias «beije», sapatos em camurça castanha de salto raso.

Elegantíssimo vestido de noite em «lamé» de ouro. De feitio princesa, molda grandemente o corpo, a frente do corpete é toda «drapé» e apanhada num «cabochon» de pedras. Grande

capa em mison, que desce até aos pés forrada em setim castanho. Penteado moderno com o cabelo completamente levantado.

«Toilette» de grande elegância e luxo. Casaco em «patte de kid» preto justo ao corpo abotoado de alto a baixo escondendo os botões. Duas pequenas bandas, junto ao pescoço, o casaco é «trois quarts», que ainda se vê muito este ano. Chapéu em veludo preto guarnecido com um ligeiro véu que cae nas costas. É um bonito abafo e da maior simplicidade.

Para jantar e «soirée», quando se trata dum partida de jogo, torna-se indispensável um pe-



queño abafo, que preserve das correntes de ar as costas das elegantes que passam horas seguidas sentadas. É um lindo modelo este em raposa cinzenta, que abafo e é ligeiro. As mangas são até ao cotovelo. O penteado como vêem segue a linha moderna que cada vez mais se accentua.

O chapéu continua a impôr-se apesar da guerra surda que lhe movem, mas não será fácil destronar o mais belo ornamento da mulher, que sem ele, na rua, por mais bem vestida que esteja, tem sempre o aspecto da modistinha que foi a um recado.

Um dos modelos que damos é em feltro preto, uma «calotte» completamente acanhogada à cabeça de onde saem duas elegantes voltas de feltro, que uma laçada em cordão dourado segura, véu com «pois» graciosamente disposto. O outro modelo é um tricórnio gracioso em feltro «hordeaux» guarnecido com um «ecarde» em fita, que lhe dá uma grande nota de originalidade. São dois modelos de grande «chic» e elegância.

A MULHER E A CONVERSAÇÃO

CONVERSAR é uma das mais interessantes coisas que existe no mundo e saber conversar é um dos mais belos dotes que possui um espírito

inteligente. E é um estudo a fazer para a mulher que em geral não sabe conversar.

A primeira coisa é não tomar a palestra e obstar a que os outros o façam, porque do choque de ideias, da diversidade de opiniões, é que nascem as cintilações do espírito que dão interesse à conversa. A maioria das senhoras num egotismo intransigente supõem que a todas a sua pessoa interessa como a razão de viver e tomam a palavra para nos contar pormenorizadamente tudo o que as preocupa, acabando por ser dum monotonia torturante.

Para outras ainda, a conversa é falar das vidas alheias, destruir reputações, amafanhar ausentes, isso então além de maçar revoltas e é do peor gosto.

Saber conversar é levantar o espírito de baizeiras e insignificâncias e discutir com placidez tanta coisa interessante que pode despertar a curiosidade humana e fazer brilhar esse dom maravilhoso de Deus ao homem, a que chamamos inteligência.

OS CUIDADOS COM A CASA

Na volta das férias de entrada em casa após dias de sossego e descanso, ou de distração continuada, trazem sempre uma pequena má disposição a que se junta a sauidade dos agradável dias passados.

Não mais deprimimento do que entregar-se a esse estado de espírito, e depois se bem analisarmos a entrada em casa tem muitos e variados encantos.

É verdade que retomamos os encargos da casa e a tarefa que nos incumbe, mas encontramos nos nossos móveis a que temos amor, os retratos daqueles que nos são queridos, os cantinhos a que estamos habituados e começamos a sentir-nos envolvidos pelas doces recordações dos dias felizes ali passados e acompanhadas pela memória de horas tristes, que embora de recordação dolorosa fazem parte da nossa vida, nesse conjunto de bom e mau que é sempre toda a vida humana.

E nós as mulheres temos sempre dentro de casa mil coisas a fazer, que nos preenchem dócemente essas horas passadas em casa, arranjando e alindando o lar com o mesmo carinho com que os passarinhos tornam mais fôfo e cômodo o seu ninho.

Ha sempre com que entreter, cortinas a modificar, estofos a substituir, móveis a restaurar, enfim esses pequenos nadas que tornam uma casa um modelo de arranjo e de conforto.

«A casa é a sepultura do vivo», ditado beirão que nos indica o quanto devemos tratar a casa onde passaremos uma grande parte da nossa vida.

É tão fácil tornar a casa agradável uns «cretonnes» alegres, umas flores.

Uma janela graciosamente arranjada com uma cambria branca, uma chita alegre, uma limpeza irrepreensível e tudo convida a estarmos na nossa casa, onde estaremos sempre bem se não estargarmos a vida com ambições desmedidas.

E os cuidados com a casa devem ser aqueles que mais interessem a mulher, porque só justamente aqueles que lhe competem e confessemos que são aqueles que a mulher de hoje menos



deja ter porque tem a impressão que se diminui e não há maior erro. Uma casa bem tratada denota superioridade da mulher.

HIGIENE E BELEZA

A beleza sofre em geral, depois da época de férias e de vida ao ar livre, uma diminuição sensível, na mulher habituada à vida da cidade e nos grandes cuidados que habitualmente tem consigo própria, e que, em viagem ou excursão não lhe é possível ter, mas é fácil remediar esse inconveniente.

Não são as pinturas que poderão impedir esses estragos, mas sim simples ingredientes, que se podem levar numa malinha de mão ou coisas que se preparam na ocasião.

Uma das coisas a levar é papel mata-borrão branco para limpar bem a cara da poeira e do suor; em seguida fazer uma maçaçom com um pouco de azeite virgem tão fácil de encontrar no nosso país e depois fazer uma aplicação de leite com sumo de limão. De manhã depois de lavar a cara passa-la com água de rosas e se as primeiras rugas se anunciam bater uma clara de ovo e fazer uma máscara, que se tem na cara durante meia hora e que se tira com água morna.

Fazendo isto todos os dias ou dia sim dia não, depois da viagem ou da vilegiatura fica-se com a mesma mimosa a ele com que se sai da cidade apenas levemente queimada pelo sol e pelo ar.

RECEITAS DE COZINHA

Bacalhau à Beneditina: Nesta época do ano, em vilegiatura, torna-se muitas vezes difícil encontrar com que se alimente a família e recorremos ao fiel amigo o bacalhau. Eis uma maneira de o cozinhar: Toma-se meio quilo de bacalhau bem demolhado e põe-se a cozer com 250 gramas de batatas. Depois de tudo bem cozido pelam-se as batatas e passam-se em quente, pelo esmaçador.

O bacalhau limpa-se completamente de peles e espinhas e pira-se num almofariz. Depois de bem misturado com a polpa da batata, passa-se uma, duas ou três vezes pela máquina de picar, de modo que fique uma massa muito igual.

A essa pasta encorpora-se meio litro de leite e 125 gramas de manteiga derretida e metade da casca dum a laranja (só a parte amarela) bem ralada. Depois da mistura bem amassada unta-se uma fôrma com manteiga picadíssima com farinha de trigo e deite-se nela a pasta de bacalhau.

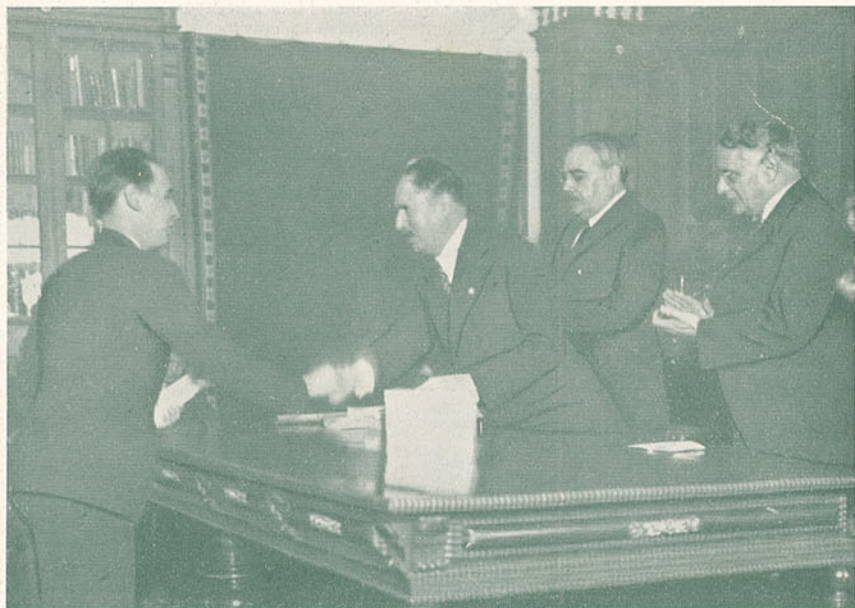
Cobre-se com pão ralado e leva-se ao forno a cozer. Está pronto quando se introduz um palito e êle sai seco. Passa-se para um prato e serve-se quente.



FIGURAS E FACTOS



Dr. Samuel Maia, feliz autor do livro primoroso *O meu menino*, cuja 4.^a edição marca o interesse com que foi acolhido pelo público.



O sr. ministro da Educação Nacional fazendo a distribuição dos prémios por ocasião da recepção dos novos alunos e da comemoração do 25.^o aniversário do Instituto Superior das Ciências Económicas e Financeiras. Ladaram o sr. dr. Carneiro Pacheco os srs. drs. Caeiro da Mata, reitor da Universidade de Lisboa; Mosés Amzalak, director daquela Escola Superior; Azevedo Neves, reitor da Universidade Técnica.



Mãe e Filho é o título do magnífico livro do dr. Ferreira de Mira que acaba de ser reeditado e que se torna indispensável a tôdas as mães que desejam a saúde e o bem estar de seus filhos



Adolfo Benarus, com a sua autoridade de investigador consciencioso, acaba de publicar mais um volume que, intitulado *Tragédia da História*. O escritor é já nosso conhecido e muito admirado por todos os nossos leitores



Santos Panúcio acaba de publicar um delicioso livro que tem por título *Mulheres do Sul*. Embora em prosa êsses magníficos contos são de um verdadeiro poeta que sabe amar e sentir



A Missão Militar Inglesa na sua visita à Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Depois duma demorada visita às várias dependências da Liga foi servido um «Pôrto de Honra», tendo o sr. general Daniel de Sousa, depois de manifestar a sua satisfação por receber a visita dos ilustres visitantes, «representantes da força armada da gloriosa Grã-Bretanha, fiel e velha aliada de Portugal»

FESTA DO NATAL

O Presépio

PARA OS crentes, os que têm a felicidade de ter Fé, o presépio é uma das mais enternecedoras imagens da nossa religião, para todos os homens o presépio é uma lição, que deve ser meditada e estudada.

Roma imperava no mundo, quasi tôdas as nações tinham sido conquistadas pelos seus aguerridos e disciplinados exércitos, e todos os povos eram escravizados com a maior crueldade.

Ser conquistado era sinónimo de ser escravizado, o orgulho, a ambição, a vaidade triunfava, com um aspecto esmagador, para as almas humanas, que tinham dignidade, para os corações que pulsavam num sentimento de amor pátrio.

A seguir às qualidades de reconhecida austeridade dos romanos da República tinham conhecido a desabrochar na vida dos conquistadores do mundo, as vis ambições e uma crapulosa degenerescência.

A sociedade de Roma que era por assim dizer a sociedade do mundo, apresentava um aspecto de triste baixa moral, as almas dignas sosso-bravam angustiadamente, perante a invasão da imoralidade, que transvasando das altas regiões imperiais, avassalava tambem o povo.

A própria religião pagã era já vilipendiada pelos próprios romanos, que nada respeitavam, as vestais, sacerdotisas castas da deusa Vesta, tinham sido manchadas pela luxúria dos próprios imperadores.

As almas corruptas escondiam-se em corpos, que o luxo cobria, a civilização romana atingia o maior esplendor em materialismo, e, as almas dos povos escravos, escurando ódio e rancor, corrompiam-se ao contacto da vida romana.

Raros foram os países que tiveram como nôs um Viriato, serrano dos Montes Herminios.

Foi nesta altura que Deus mandou ao mundo, Jesus Cristo, seu Filho muito amado. Escolheu para sua Mãe uma dessas orgulhosas e ricas romanas que levavam os seus dias a tratar a sua beleza estatuarica, que cobriam os seus corpos com as mais ricas sedas orientais? Não.

Escolheu uma Virgem pura, que na Palestina vivia, uma recolhida vida, de oração e trabalho, duma incomparável beleza, duma grande modéstia.

Para pai putativo, de seu Filho foi procurar um desses grandes da terra, que esmagavam com o mais soberano desdém os que os rodeavam? Não.

Escolheu um pobre carpinteiro, homem pio e virtuoso, honesto e simples. E quando chegou a hora do seu nascimento, ele realizou-se, não num desses opulentos palácios do Oriente, ao pé dos quais o luxo de hoje, é modéstia e simplicidade.

Palácios, que o ouro, a prata, as pedras preciosas ornamentavam com a maior profusão, palácios onde se queimavam as lenhas perfumadas das mais ricas madeiras, palácios de que a tradição nos dá uma polida descrição nas narrativas dos contos de fadas. Não foi porém nessas sumptuosas residências, que Jesus Cristo Filho de Deus viu a luz do dia na terra.

Realizando as profecias foi em viagem, numa gruta onde uns pobres abrigavam da intempérie os seus animais, nem sequer na pobre casa de seus pais terrenos, o que seria ainda pouco humilde, mas no abrigo, que a Caridade ofereceu a esse par cansado da viagem, que se via obrigado a fazer para obedecer às leis do país: Um velho fatigado, uma jovem prestes a ser mãe.

E foi sobre palhas tendo como companhia humildes animais, que veio ao mundo o Redentor dos homens.

É inútil descrever o presépio, que pintores da maior nomeada têm evocado em quadros soberbos, que escultores de todas as nacionalidades têm feito reviver em maravilhosas criações.

Qual é a criança, que se não extasiou perante a figura do menino, adorado de joelhos pela Virgem Maria e por S. José ladeado pelo boizinho e pelo burrico, que simbolizam no seu bafejar inocente a submissão da Natureza ao seu Criador?

Quem foram os seus primeiros adoradores?



Os Reis Magos — Quadro de Doménico Ghirlandajo — (Capela dos Inocentes de Florença)

Humildes e rudes pastores e só passados dias, os Reis seguindo a estrêla do Oriente chegaram com a sua rica comitiva a trazer-lhe a oferenda do seu ouro, da sua niirra, das suas pedras preciosas.

Um simbolismo de que os grandes da Serra se inclinariam diante dessa humilde criança, que sorria divinamente sobre essas palhinhas frias, e, doiradas, pelo sol do verão.

Foi no inverno quando o frio gelava as águas e o vento frio do deserto soprava sobre as montanhas da Judeia, para que mais doloroso fosse o seu desconforto, que o Salvador dos Homens chegou entre eles para os salvar e os dignificar arrancando-os à escravidão.

O presépio é a maior lição de humildade e simplicidade que a humanidade tem recebido, e, ao contemplá-lo, quantas lições não recebem aqueles que pensam, que o globo terrestre gira para a sua pessoa, que as estrêlas brilham no firmamento, para lhe iluminar as noites, que as águas cristalinas cantam nas fontes, para com a sua música lhes deliciar os ouvidos, e, com a sua limpidez lhes saciar a sede, o fogo existe para lhes aquecer as merendas e cozinhar os petiscos.

O presépio mostra aos ricos, que são irmãos dos pobres, porque foi entre os pobres que nasceu Deus, não um berço doirado, mas numa manjedoura de madeira, não entre lençóis de fino linho e delicadas rendas, mas sim, sobre palha destinada à refeição de pobres animais.

E' a maior lição que se pode receber e basta um simples olhar ao presépio, ao encantador, ao humilde presépio para se sentir que de nada serve a vaidade do rico, porque na realidade ele é o irmão do pobre e bem deve compreender ao olhar para o presépio, que o deve proteger, auxiliar, porque os que deram o asilo aos pais de Jesus, em Belem não sabiam que nesse hu-

milde abrigo nasceria um Deus, diante do qual se têm curvado e se devem curvar os grandes da terra.

São passados vinte séculos sobre as cêrcas de humildade enternecedora, que o presépio nos representa e olhemos à nossa volta a ver como o homem aceitou e compreendeu as lições que Jesus Cristo trouxe à terra, e, que do seu nascimento à sua morte, são a mais sublime lição, de paciência, de humildade e de Caridade.

Hoje como no tempo dos romanos, a ambição dos homens é imensa, o orgulho torna soberbo e irascível aquele que a seus próprios olhos, e em geral, só aos seus, é um semi-deus. A vaidade de mando nos homens, de beleza nas mulheres é imensa, a moralidade campeia infrene na sociedade moderna como há vinte séculos na sociedade romana.

A mulher de hoje como a romana de há vinte séculos vive aborrecida por esse desejo de ser bela e os institutos de beleza onde se modificam desde as unhas dos pés às pontas dos cabelos, são a reprodução exacta das termas romanas.

O desprezo pelo dever, a adoração do dinheiro e do luxo, tornam a nossa civilização tão materialista como o foi a civilização romana.

O homem de hoje como o de então sobre põem o bem estar do seu corpo, a elevação da sua alma, antepõe a tudo a satisfação das suas paixões. A mulher de agora como a de então é cheia de vaidade e ansiosa de brilhar, preocupando-se acima de tudo, em ser bela e triunfar de tôdas as suas rivais.

Humildade, caridade, simplicidade, três palavras que numa só sintetizam tudo, fraternidade, onde existem?

Como seria linda a festa do Natal e como brilharia triunfante: O Presépio.

MARIA DE EÇA.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

RESULTADOS DO N.º 19

(Totalidade — 10 pontos)

QUADRO DE HONRA

Rosa Negra, Siulno, Ti Beado, Ramon Lágrimas, Dama Negra, Francisco J. Courelas e Sevla

QUADRO DE MÉRITO

M. A. P. M., Felix Lobato, Mr. Moto, Tripa Mágica, Sir Bay, Alvarinho, Eusapesca, Mirna, e Agasio — 9. Infante, Diriso, Matina, Barão Y e Visconde X — 8. Anjo das Seras, Aureolinda, Larabastro, Cigano e D. O. X. — 7. Pimpas — 6. Erbelo — 9

DECIFRAÇÕES

1 — Barbariso. 2 — Romanescamente. 3 — A (questo). 4 — Mo(lu)ra. 5 — Cano. 6 — Morcego. 7 — Penafiel. 8 — Cabala. 9 — Taboca. 10 — As mulheres onde estão sobram e onde não estão faltam.

BOAS FESTAS

Esta secção, por intermédio do seu modesto director, têm o prazer de endereçar a todos os seus colaboradores as mais sinceras felicitações e o desejo de festas felizes na passagem do Natal e Ano Bom.

CONCURSOS TRIMESTRAIS

Estamos autorizados a informar os nossos apreciados colaboradores que, a partir de Janeiro próximo, por deferimento de proposta nossa a Sua Excelência o Director desta revista, este «Desporto» iniciará torneios charadísticos trimestrais nos quais serão distribuídas interessantes obras literárias, editadas pela Livraria Bertrand.

No próximo número indicaremos as bases do regulamento.

NOVA NOMENCLATURA CHARADÍSTICA

Para tratar d'este magno problema, respeitante à causa, effectuou se, a nosso convite, em Lisboa, no passado dia 10, uma reunião de individualidades charadísticas, representativas das principais actividades edipistas lusitanas. O resultado a que se chegou é favorável à tese que defendemos no artigo publicado, sob o título *Charadonímia*, no *O Charadista* n.º 75. No próximo *Desporto* faremos o devido relato, informando, no entanto, desde já, os nossos colaboradores que desde o início do ano de 1939, começará a vigorar a nova nomenclatura de algumas espécies charadísticas.

TRABALHOS

EM VERSO

ENIGMAS

Ao neo-charadista Ordisi Júnior

- 1) A prima, terça e quinta, São chamadas vogais, E por acaso iguais.
- * Não há quem me desmintas.

SECÇÃO CHARADÍSTICA

Desporto mental

Sob a direcção de ORDISI

NÚMERO 28

Quarta e segunda, é claro,
Sem revelar quizília,
São da mesma família,
Irmãs gêmeas, declaro.

E, p'ra acabar, em fim,
Venha, não tenha medo,
Chegue-se ao pé de mim
Tome lá um brinquedo.

Luanda Ti Beado

Ao meu compadre «Mirones»

- 2) De um russo menos um pé,
Mais um pé de um alemão...
Dize-me cá, quantos pés
Ficam pousados no chão?

Se és grande decifrador,
O touthço não estônes,
Resolve-me esta embrulhada,
O' meu valente «Mirones»!

Biscaia Olegna

- 3) Embarço... elemento... tudo junto,
Logo à primeira vista
Verifiquei, sem moer o bestunho,
Que tens hoje entrevista.

Leiria Magnate (L. A. C.)

SER POBRE!

Com os meus cumprimentos ao meu illustre
confrade «Edmaro»

- 4) Do pobre o nascimento em fulvas palhas,
pousadas sobre o chão de humilde lar,
representa o nascer de quem salvar
quiz este mundo mau e de batalhas.

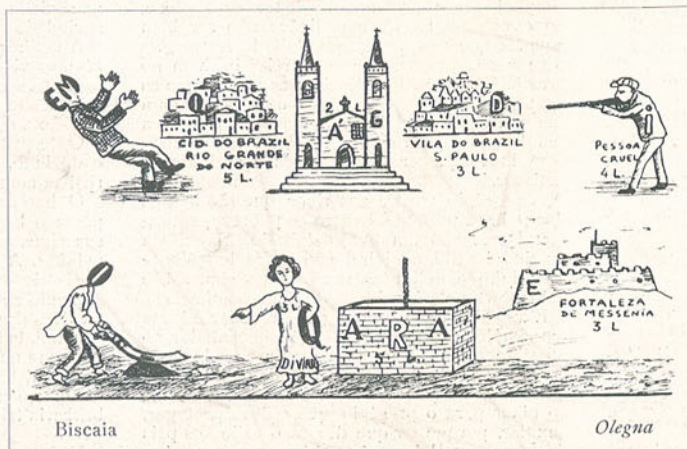
Nasceu o Nazareno entre as muralhas
dum estábulo frio, qual algar!
Nasceu para sofrer, para chorar,
entre as turbas cruéis, de luz tão falhas!

E foi vivendo, o doce Redentor,
apostolando o Bem, pregando amor
a grei de coração duro e nefasto.

Morreu, por fim, pregado numa cruz!...
Um pobre é o reflexo de Jesus:
Recebe o mal por tanto zelo gasto!

Biscaia Olegna (L. A. C.)

15) ENIGMA PITORESCO



Biscaia

Olegna

CHARADAS ANTIGAS

Considerações sobre uma censura e a opinião errada de um illustre poeta e charadista

*13 — Não precisa assinatura para se descontinuar a habitual boa disposição (?) d. autor.

Apolo — O CHARADISTA n.º 76.

- 5) Perguntas meu amor: — «Porque [razão Sendo mais triste do que o céu [brumoso Tu finges ser poeta e folgazão

Num verso insulto que supões jocoso? — 2

E há tanta coisa linda que convida
A versejar um vate de talento!
A Natura... A Mulher, fontes da Vida...
Do amor e da saúde o sentimento...

Tu apoucas a Musa, meu amigo!
Prendes à lira os cascavéis do bobo.
Teus versos pecam pelo estilo antigo.
Dá-lhes leveza e graça: um ritmo novo. »

— «Julgas, querida, que na minha idade
Alguém cantou o amor com sentimento?!
Cantos de amor senil... E' a saúde...
Cada verso é um soluço, é um lamento.

O amor, querida, ofusca-te a razão,
E faz-te ver as coisas aumentadas...
Cuidas ver um poeta folgazão
Num simples rimador de más charadas.

Não vejas na formiga um clefante
Nem campares a noite ao claro sol;
Tão pouco o pintasilgo chilreante
Ao poeta da sombra, ao rouxinol.

Lisboa Sileno

TRABALHOS EM PROSA

CHARADAS MEFISTOFÉLICAS

- 6) Porque me fizeram um vinco no meu escrito,
tive de pôr um contraforte atravessado. (2-2) 3.

Lisboa Meio Kilo (G. X.)

- 7) Se o tolo casa com mulher ridícula, mostra
ser ainda mais tolo. (2-2) 3.

Lisboa Bisnau (T. E.)

NOVÍSSIMAS

- 8) Com boa animação pode prender-se um
soldado da guarda municipal porque é pessoa
que fala com dificuldade. 1-2.

Luanda Ti Beado

- 9) A-pesar-de não teres sorte, foste feliz na
contestação. 2-2.

Lisboa Edmaro (L. A. C.)

(Ao D. Pericles)

- 10) O penguim tem tanta «letra» que até sabe
burlar o alcoviteiro. 2-1-1.

Lisboa Copofoônico (G. X.)

CHARADAS SINCOPADAS

- 11) Quando há vento, mesmo
com trabalho árduo, é que se mo-
lha a vela. 3-2.

Lisboa Bisnau

- 12) No homem triste é mais vul-
gar a inércia. 3-2.

Lisboa Edmaro (L. A. C.)

(A Rosa Negra, respeitadamente)

- 13) Quem tem um beijo grelado
não pode emitir um sorriso. 3-2.

Lisboa Eusapesca

- 14) António Cândido foi elo-
quente até à morte. 3-2.

Algés Marcolim

Tôda a correspondência res-
peitante a esta secção deve ser
dirigida a: Isidro António Gayo, re-
dacção da *Ilustração*, Rua An-
chieta, 31, 1.º — Lisboa.

VIDA ELEGANTE

Festas de caridade

No JARDIM CINEMA

A favor da Casa de Repouso de Nossa Senhora de Fátima, em Colares, realizou-se no «Jardim Cinema», á Avenida Alvares Cabral, uma interessante festa de caridade na tarde de 3 de corrente, organizada por uma comissão de gentis senhoras solteiras, pertencentes á nossa primeira sociedade da qual faziam parte D. Ana Teles da Silva (Tarouca), D. Clarisse Maria de Menezes Cardoso e Silva de Noronha Vasconcelos Porto, D. Isabel Maria Trigo de Vasconcelos, D. Manuela Correia da Cunha, D. Maria Antónia Bustorff Silva, D. Maria Carlota Trigo de Vasconcelos, D. Maria do Carmo Burnay Vieira Pinto, D. Maria das Dores Lobato de Melo, D. Maria José Antunes dos Santos, D. Maria de Lourdes de Castro Mena, D. Maria Perestrelo de Matos Cabral, D. Maria Tereza Beltrão de Albuquerque, D. Maria Tereza Chaves de Sousa, D. Maria Tereza de Menezes Cardoso e Silva de Cabedo e Vasconcelos (Zambujal), e D. Nit Burnay Carvahosa, a qual constou de cinema e de canções pela distinta amadora sr.^a D. Maria Tereza de Noronha (Paraty), que mais uma vez teve ocasião de evidenciar a sua bela voz, recebendo da seleta assistência que enchia o vasto salão frenéticos aplausos.

A comissão organizadora deve decerto ter ficado plenamente satisfeita, com os resultados obtidos, tanto financeiro, como artístico e mundano.

No ODEON

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte D. Alice Menarte, D. Maria Alice Teotónio Pereira, D. Maria Amélia Gonçalves, D. Maria do Carmo Saldanha de Carvalho, D. Maria Celeste Tavares de Carvalho, D. Maria da Conceição de Sousa Teixeira de Sampaio, D. Maria Eugénia de Lucena, D. Maria José Fontes Meneses, D. Maria Leonor Soares Parente, D. Maria Luiza Galvão, e D. Maria Tereza Abecassis, effectou-se na tarde de 7 do corrente, no «Cinema Odeon», uma interessante festa de caridade, cujo produto se destina a favor da Caixa das Benjaminas, da Juventude Católica Feminina, tendo o programa constado da exhibição de um sensacional programa de filmes.

Na assistência via-se tudo que de melhor conta a nossa primeira sociedade, tendo decerto a comissão organizadora ficado plenamente satisfeita com o resultado financeiro obtido.

Casamentos

Na capela do Convento da Luz, nos arredores da vila de Borba, celebrou-se, o casamento da sr.^a D. Lídia Pereira de Mendonça, gentil filha da sr.^a D. Joana da Conceição Bravo de Mendonça e do sr. António Félix Pereira de Mendonça, já falecido, com o sr. Armando de Landerset Simões, funcionário colonial, filho da sr.^a D. Luiza Victória de Mendonça Teles Moniz Côrte-Real de Landerset Simões, já falecida, e do sr. João Artur da Costa Mexia de Matos Simões.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Júlia de Mendonça Gamito, irmã da noiva, e D. Eugénia do Carmo de Almeida Borba Simões, tia do noivo, e de padrinhos, os srs. José António Gamito, cunhado da noiva e Alvaro de Landerset Simões, irmão do noivo.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foi oferecido grande numero de artisticas prendas, para o Estoril onde foram passar a lua de mel, seguindo depois para a Guiné Portuguesa, onde vão fixar residência.

— Celebrou-se na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, á Avenida de Berne, o casamento da sr.^a D. Maria Isabel Bracourt da Rocha Camargo, interessante filha da sr.^a D. Maria da Conceição Bracourt da Rocha Camargo e do falecido engenheiro sr. João António da Rocha Camargo, com

o distinto engenheiro sr. Tomás da Rocha Leão de Sousa Eiró, filho da sr.^a D. Felicidade da Rocha Leão de Sousa Eiró e do coronel do Estado Maior sr. João de Sousa Eiró. Foram madrinhas as mãs dos noivos e de padrinhos o tio da noiva o coronel de infantaria sr. João António Pestana de Vasconcelos e o pai do noivo. Presidiu ao acto o reverendo prior da freguezia de S. Jorge, em Arrois, conego, dr. Martins Pontes, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, á Avenida da República, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande numero de valiosas e artisticas prendas, para o estrangeiro, onde foram passar a lua de mel.

— Em Oeiras, celebrou-se na igreja matriz, o casamento da sr.^a D. Irene Rolim de Seabra Pereira, gentil filha da sr.^a D. Paula Rolim de Seabra Pereira e do sr. Luiz de Seabra Pereira, já falecido, com o sr. Rui de Barros Vieira Ramos, filho da sr.^a D. Assunção de Barros Ramos e do sr. Carlos Vieira Ramos, tendo servido de madrinhas a sr.^a D. Eulália Gonçalves e a mãe do noivo e de padrinhos, os srs. Francisco Augusto Gonçalves e Vasco Albuquerque d'Orey, presidindo ao acto o reverendo prior da freguezia dr. Manuel Sabde Marques, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Acabada a cerimónia foi servido na elegante residência da mãe da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande numero de valiosas prendas.

— Presidido pelo reverendo cônego dr. António Gonçalves, ilustre secretário da Acção Católica e amigo íntimo do noivo, que antes da missa, que foi resada pelo prior da freguezia reverendo dr. Canasteiro, pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paróquia de Nossa Senhora de Fátima, á Avenida de Berne o casamento da sr.^a D. Lídia de Vilhena Almeida Homem, interessante filha da sr.^a D. Mariana de Vilhena Almeida Homem, e do meretíssimo juiz de direito, em Lisboa, sr. dr. Joaquim Almeida Homem, com o distinto médico sr. dr. António

de Matos Sousa, filho da sr.^a D. Maria de José de Matos Sousa, já falecida e do sr. José Mâncio Gomes de Sousa, servindo de madrinhas as sr.^{as} viscondessa do Alentejo, tia da noiva, que se fez representar por sua filha a sr.^a D. Mónica de Vilhena de Almeida e Vasconcelos e D. Maria da Luz dos Santos Matos Gomes, tia do noivo, que se fez representar pela irmã do noivo, sr.^a D. Maria Luiza Sousa Reis, e de padrinhos o pai da noiva e o sr. dr. Luiz Figueira, distinto assistente da Faculdade de Medicina e sub-director do Instituto Câmara Pestana.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande numero de artisticas e valiosas prendas.

— Pela sr.^a D. Maria José Sarmiento Osório e Castro de Vasconcelos Patrício, esposa do sr. dr. Ladislau Patrício, foi pedida em casamento para seu filho João, a sr.^a D. Margarida do Carmo Soares Santana, gentil filha da sr.^a D. Maria do Carmo Soares Santana e do sr. Joaquim Frederico de Santana, já falecido, devendo a cerimónia realizar-se por todo o próximo ano.

— Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Maria Alice de Bettencourt Sieuve de Menezes da Mota Ferreira Cardoso, esposa do sr. dr. Manuel da Mota Pessoa de Amorim Ferreira Cardoso, para seu filho Manuel Maria, a sr.^a D. Mary Amélia Elizabet Perry Vidal Serton Müller Lewes, gentil filha da sr.^a D. Laura Izabel Gavazze Perry Vidal Müller Lewes e do sr. Adolfo David Serton Müller Lewes, devendo a cerimónia realizar-se no fim do corrente mês.

— Na paróquia de Nossa Senhora da Fatima á Avenida de Berne, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Maria Luísa Ribeiro Martins, interessante filha da sr.^a D. Delfina Ribeiro Martins, e do sr. Alfredo Pires Martins, com o sr. Carlos Augusto de Barros Junior, filho da sr.^a D. Vicência da Costa Barros e do sr. Carlos Augusto Barros, inspector da Companhia Carris de Ferro de Lisboa, tendo servido de padrinhos os pais dos noivos. Presidiu ao acto o reverendo prior da freguezia sr. dr. Manoel Santos Canasteiro, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, aquém foram oferecidas grande numero de valiosas prendas, para o norte do país, onde foram passar a lua de mel.

D. NUXO.



Casamento da sr.^a D. Júlia Gonçalves Vilar com o distinto engenheiro sr. Vitor Jacinto da Costa, celebrado na paróquia de Nossa Senhora da Assunção, em Cascais. Os noivos durante a cerimónia religiosa

FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — A. 5, 4, 3
 Copas — A. 8
 Ouros — — — — —
 Paus — R.

Espadas — — — — — **N** Espadas — R. D. 9, 8
 Copas — 10, 5 **O** Copas — 3
 Ouros — D. **E** Ouros — R. V.
 Paus — D. 10, 9, 8 **S** Paus — — — — —

Espadas — 2
 Copas — 4
 Ouros — A. 2
 Paus — A. V. 2

Trunfo copas. **S** joga e faz 6 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga 10 de copas e **N** balda-se a Az de paus.
S joga V. de paus; se **O** jogar R. de paus, **N** joga V. de espadas, **E**, 5 de paus.
N joga 4 de ouros, **E**, 7 de ouros, **S**, R. de ouros, **O**, 5 de ouros.
S joga A. de espadas, **O**, 10 de espadas, **N**, 3 de ouros, **E**, D. de espadas.
S joga 2 de copas e, quaisquer que sejam as baldas de **O** e **E**, **N** e **S** fazem as duas últimas vasas.
 Se quando **S** joga V. de paus, **O** jogar 3 de paus, **N** balda-se a ouros e **S** joga 4 de paus, **O**, R. de paus que **N** corta do V. de espadas e joga 4 de ouros, correndo o jogo da mesma forma.

A maior carta de amor do mundo

Recebeu-a, ultimamente, Joan Crawford, de um admirador residente em Nova York. Essa carta é escrita à mão e contém nada menos de 312 folhas grandes!
 O dito admirador tem acompanhado toda a carreira da artista e fala-lhe, na carta de cada um dos papéis, em especial, que ela tem desempenhado. Levou dezanove noites a redigir tamanha epistola e Joan Crawford que a tem lido no estúdio, durante os seus trabalhos de filmagem, terá tido com que se entreter, decerto por outro tanto tempo ou mais.

A maior árvore conhecida em todo o mundo é a que existe no México, no istmo de Tehuantepec, sobre as ruínas do templo de Mitla. É uma conífera a que os naturais chamam *El Tule* e que tem mais de 2 000 anos.

O professor Conzati, que a viu, calculou-lhe o peso em lenha de 549.000 quilogramas. Tem a altura dum metro, 33 metros de periferia do tronco, e este, se pudesse ser escavado, daria abrigo a mais de duzentas pessoas.

Anagramas cinematográficos

(Problema)

Aqui estão os nomes de alguns afamados artistas de cinema. As letras dos nomes e apelidos de cada um foram todos misturados, de modo a formar um outro nome diferente. Por exemplo: *James E. Whiless* é *Jessie Matthews*.

Tratem agora de descobrir quais são os seis que abaixo se vêem:

- 1 — *Greta Toulony.*
- 2 — *Dora J. Fancrow.*
- 3 — *Bella Grack.*
- 4 — *George R. Grins.*
- 5 — *Ada Ferriste.*
- 6 — *Leslie P. Thymer.*

Um nome feminino, bastante vulgar nos países do Norte e mórmente em Inglaterra, mas bastante raro entre nós, é o de Edith. Este nome é de origem saxónia, e corresponde pelo seu significado, aos de origem romana, *Felícia, Felicidade*.

Desenho cúbico

(Solução)



Variedade de bonecas

Unico no seu género e digna do maior interesse é a colecção de bonecas, há pouco tempo oferecida pela rainha Mary, de Inglaterra, ao museu Wilberforce, de Hull.

Essas bonecas foram colleccionadas no mundo inteiro por miss Ema Carey, que as ofereceu à soberana. Vêem-se, entre aquelas figurinhas uma boneca tótem, em madeira esculpida, dos mares do Sul, um mandarim chinês, uma dama mandchú, uma princesa japonesa, uma pescadora da Bósnia, um campónio norueguês no seu fato domingueiro, uma mulher hindú vendendo peixe, bonecas inglesas em trajos regionais dos tempos passados e algumas curiosidades como, por exemplo, uma formosa dama toda feita de conchinhas.

Jámais coisa mais curiosa nem mais variada, entrou até aqui num museu.

Quebra-cabeças



Primeiro que tudo, decalquem estes desenhos assim todos juntos, coleem ao todo num bocado de cartão fino e, depois de seco, recortem cada pedaço preto separadamente. Peguem, então, numa folha de papel branco e, em cima desta, ajustem uns aos outros, os troços negros. Verão desenhar-se assim um elefante, e a parte branca do centro tomar a forma dum cisne.

O pomar

(Problema)

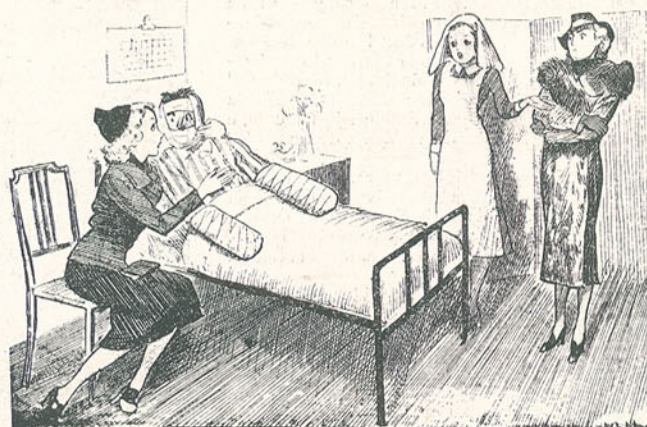
O Antunes tinha um pomar onde haviam macieiras, pereiras, ameixieiras, cerejeiras e nogueiras. Por cada três macieiras, havia duas pereiras e por cada três cerejeiras havia duas nogueiras.

Havia duas ameixieiras para cada onze macieiras e sete cerejeiras para cada duas ameixieiras. Quantas árvores de cada espécie havia no pomar?

Rios estratégicos

Os rios da China que actualmente tanto fazem falar dêles por parecer que tomam iniciativas militares, o Yang-Tsé, o rio Amarelo, foram sempre insubordinados e perigosos. E cada vez o são mais, porém os chineses têm obstinadamente continuado, através dos séculos, a despojar o país de florestas.

Há todavia muito tempo, 4.000 anos pelo menos, que o imperador Tao recompensou, dando em casamento as suas duas filhas, a um cultivador, chamado Shum, que prestara grandes serviços, com os planos engenhosos que apresentára para conter as inundações assustadoras do rio Amarelo. Shum era um humilde lavrador que progredira pelo seu trabalho e a sua inteligência.



A enfermeira do hospital: — Ai! minha senhora, houve um pequeno engano. Esse é marido aqui desta senhora!

(Do «The Humorist»)

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE*

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em tódas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

Indispensável a Juizes e Delegados do Procurador da República, Notários, Funcionários policiaes, Conservadores do Registo Civil, Câmaras Municipais (serviços notariaes), Estabelecimentos prisionaes, Estudantes de Direito, de Medicina Legal e de Antropologia, etc.

DACTILOSCOPIA

(Identificação — Polícia Científica)

PELO DR. LUÍS DE PINA

Professor da Faculdade de Medicina. Director do Instituto de Criminologia e do Arquivo de Identificação, Secção do Porto

A primeira obra, no género, em Portugal

Obra que versa tódas as matérias respeitantes ao assunto, profusamente documentada com gravuras, tabelas, diagramas e estatísticas

Índice completo da legislação respeitante à identificação Civil e Criminal, à Dactiloscopia, à Polícia científica, etc.

Completas indicações bibliográficas portuguesas e estrangeiras

1 vol. de 318 pág., formato 24 × 16 1/2, com desenhos do autor, **30\$00**; pelo correio à cobrança, **33\$00**

PEDIDOS Á

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73 - LISBOA



Venda em todas as Pharmacias

GRAVADORES IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.^{da}

Telefone 2 1368

**Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA**

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

Encontra-se quasi esgotado o

Almanaque Bertrand

para 1939

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Cordenado por M. FERNANDES COSTA

Único no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas
PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

UM GROSSO VOLUME DE 384 PÁGINAS, ILUSTRADO COM 374 GRAVURAS

Cartonado..... 10\$00

Encadernado luxuosamente... 18\$00

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
Rua Garrett, 73-75 — LISBOA

COLECCÃO FAMILIAR P. B.

Esta coleção, especialmente destinada a senhoras e meninas, veio preencher uma falta que era muito sentida no nosso meio. Nela estão publicadas e serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despartem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, ofereçam também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrifício, de grandeza de alma, de tudo quanto numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e seduções, quer desabrochada em flor após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e escriuina de virtudes conjugais.

Volumes publicados:

M. MARYAN

- Caminhos da vida
- Em volta dum testamento
- Pequena rainha
- Dívida de honra
- Casa de família
- Entre espinhos e flores
- A estátua velada
- O grito da consciência
- Romance dum herdeira
- Pedras vivas
- A pupila do coronel
- O segredo de um berço
- A vila das pombas
- O calvário de uma mulher
- O anjo do lar
- A força do Destino
- Batalhas do Amor
- Uma mulher ideal
- Ilusão perdida

SELMA LAGERLÖF

Os sete pecados mortais e outras histórias
Cada vol. cartonado . . . Esc. 8\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

UMA OBRA FORMIDÁVEL

Destinada a grande successo
Premiada pela Academia Francesa com o "Grand Prix Montyon"

UM CORAÇÃO DE OIRO (PADRE DAMIÃO)

Por PIERRE CROIDYS

SUCCESSO DE LIVRARIA EM TODO O MUNDO
Obra admirável ao serviço da humanidade

1 vol. de 356 págs., broc. Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Benoit e Dr. Edmundo Adler, com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosissimo volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com 351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

- ABELHAS DOIRADAS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- (1.^a edição), 1 vol. br. 15\$00
- ALTA RODA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- AO OUVIDO DE M.^{me} X. — (5.^a edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- ARTE DE AMAR — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.^o milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- CARTAS DE LONDRES — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- COMO ELAS AMAM — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- CONTOS — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DIALOGOS — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. 1\$50
- ELES E ELAS — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ESPADAS E ROSAS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- ETERNO FEMININO — (1.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00
- EVA — (1.^a edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. 10\$00
- FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- GALOS (OS) DE APOLO — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- MULHERES — (6.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- OUTROS TEMPOS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- PÁTRIA PORTUGUESA — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br. 12\$50
- POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPIRITO — (Conferência), 1 fol. 2\$00
- UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. 1\$50
- VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br. 12\$00

POESIA

- NADA — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SONETOS — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. 4\$00

TEATRO

- AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- CARLOTA JOAQUINA — (3.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- CASTRO (A) — (2.^a edição), br. 3\$00
- CRUA (A) DOS CARDIAIS — (27.^a edição), 1 vol. br. 1\$50
- CRUCIFICADOS — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- D. JOÃO TENÓRIO — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- MATER DOLOROSA — (6.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- 1023 — (3.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- O QUE MORREU DE AMOR — (5.^a edição), 1 vol. br. 4\$00
- PAÇO DE VEIROS — (3.^a edição), 1 vol. br. 4\$00
- PRIMEIRO BEIJO — (5.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- REI LEAR — (2.^a edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. 9\$00
- REPOSTEIRO VERDE — (3.^a edição), 1 vol. br. 5\$00
- ROSAS DE TODO O ANO — (10.^a edição), 1 vol. br. 2\$00
- SANTA INQUISIÇÃO — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. 6\$00
- SEVERA (A) — (5.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- SOROR MARIANA — (4.^a edição), 1 vol. br. 3\$00
- UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00
- VIRIATO TRÁGICO — (3.^a edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para êsse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a tôda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA

EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

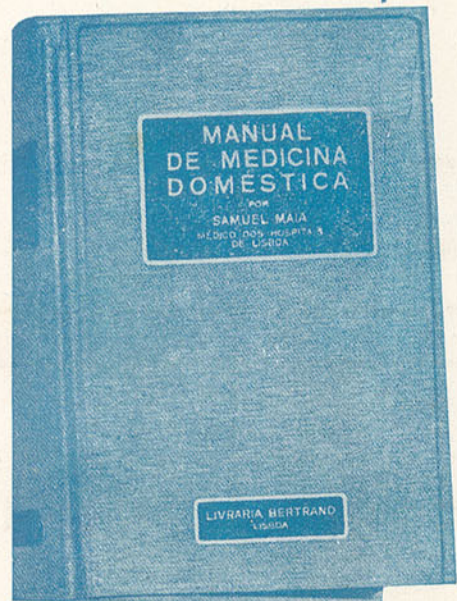
Regra de bem viver para conseguir a longa vida

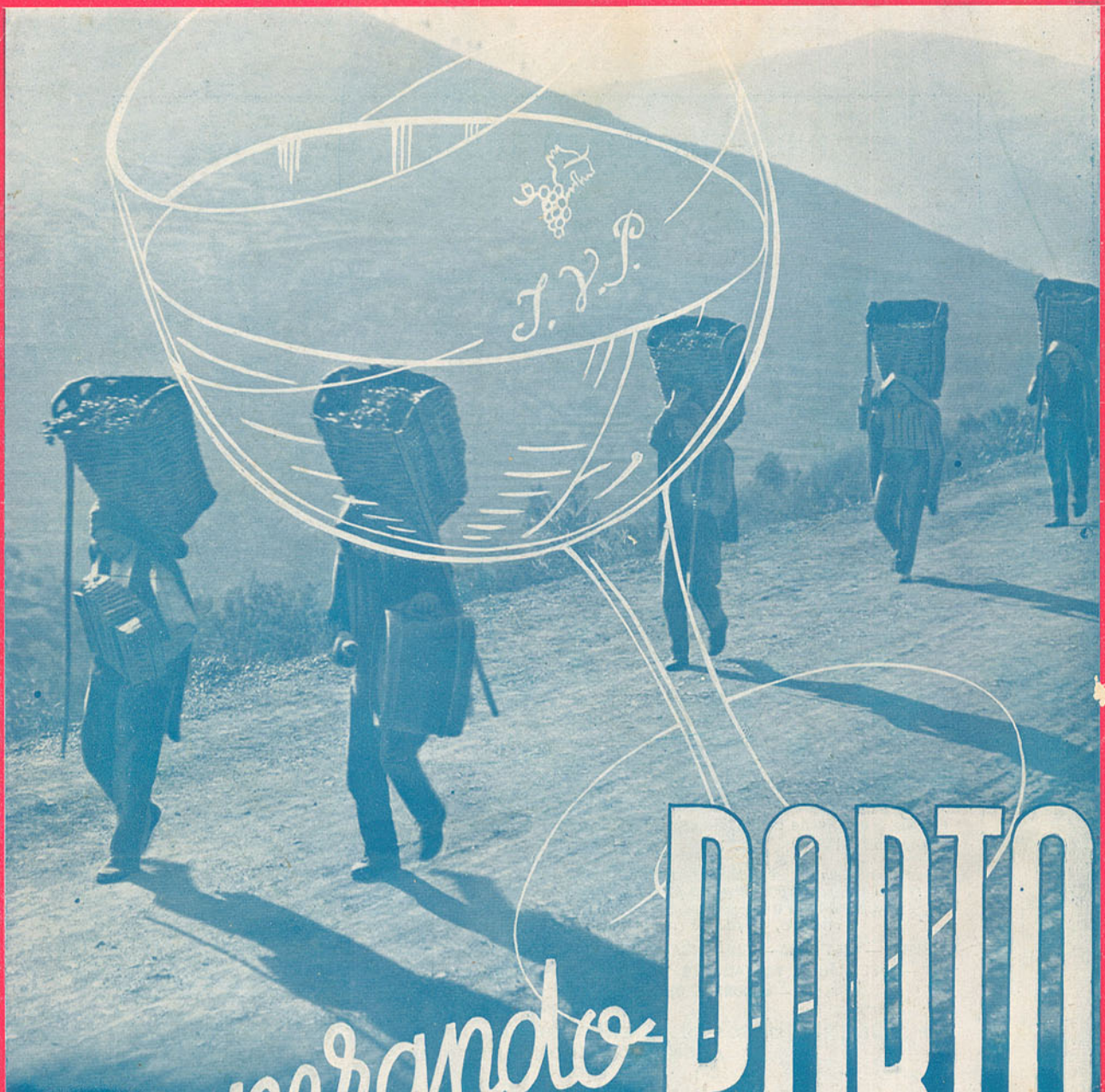
1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina

Esc. 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75





O venerando

PORTO

**ALEGRA O CORAÇÃO
ENNOBRECE O ESPIRITO**



*Instituto do Vinho do Porto
garante oficialmente a genuinidade do
VINHO DO PORTO
por meio de certificados de origem*